

Laissa Ornellas



Círculo de Leitura

Itinerância de Leituras e Saberes



CÍRCULO
LARANJA



A leitura viva de Célio Griô

Quem melhor conhece o chão de uma cidade do que aquele que, por ofício e devoção, dedicou a vida a percorrê-lo? Nascido em

Madureira e forjado na luta, Célio Viana — mais conhecido como Célio Gari — vestiu o laranja por quinze anos, cuidando da saúde ambiental da cidade do Rio de Janeiro. Mas a vida o transformou em Célio Griô.

Nesta obra, Célio não apenas caminha; ele conduz. Como um guardião da oralidade, ele transita pelo território, guiando o leitor por uma itinerância que costura passado, presente e futuro. Sua figura é o fio condutor que une as pontas soltas do nosso território.

Célio Griô nos ensina que ler a cidade é, antes de tudo, um ato de escuta. Ao virar estas páginas, você aceita o convite para caminhar ao lado dele e descobrir que cada território guarda uma biblioteca viva, esperando para ser lida.

Círculo de Leitura

Itinerância de Leituras e Saberes

Laíssa Ornellas

Círculo de Leitura

Itinerância de Leituras e Saberes



Círculo de Leitura: Itinerância de Leituras e Saberes

Organização: Laíssa Ornellas

Capa e Projeto Gráfico: Laíssa Ornellas

Realização: Círculo Laranja

Apoio: Governo Federal, Ministério da Cultura, Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro e Secretaria Municipal de Cultura

Copyright © 2026 por Círculo Laranja. Todos os direitos reservados.

Círculo Laranja

Rua Álvares Cabral, 505

20780-320, Cachambi – Rio de Janeiro, RJ

www.circulolaranja.org.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Círculo de leitura : itinerância de leituras e
saberes / organização Laíssa Ornellas. --
Rio de Janeiro : Círculo Laranja, 2026.

ISBN 978-65-989092-1-5

1. Ancestralidade 2. Cidadania 3. Cultura
4. Memórias 5. Leitura - Promoção 6. Literatura
brasileira 7. Povos indígenas 8. Quilombolas -
Brasil I. Ornellas, Laíssa.

26-332143.0

CDD-B869

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura brasileira B869

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415

*À ancestralidade que corre em nossas veias e
sussurra em nossa memória, guiando nossos passos
mesmo quando o caminho parece incerto.*

*Ao Círculo Laranja, que nasceu da coragem de lutar
por direitos e floresceu na certeza de que a cultura é o
alimento da alma. Aos que compreendem que
promover o livro, a arte e o saber também é uma
forma de combate, e que a verdadeira
transformação social se faz quando a cidadania ocupa
todos os espaços.*

*Como nos ensina Ailton Krenak, o futuro não é um
lugar distante onde a gente chega; ele é uma
memória que a gente cultiva agora.*

Dedicamos esta obra à continuidade da nossa história.

“A nossa escrevivência não pode ser lida como histórias de ninar os da casa-grande, e sim para incomodá-los em seus sonos injustos.”

— CONCEIÇÃO EVARISTO

Sumário

11 *Introdução*

16 Capítulo 1

Peço licença aos donos da terra

28 Capítulo 2

Lima Barreto encontra Carolina Maria de Jesus

38 Capítulo 3

Quilombismo

46 Capítulo 4

As tias que alimentam com axé

58 Capítulo 5

A resistência: Aldeia Marakanã

70 Capítulo 6

Resistência quilombola

78 Capítulo 7

Histórias encantadas de onde eu venho

88 Capítulo 8

Memórias da Pequena África

95 *Agradecimentos*

98 *Referências e Leituras*

Introdução

O Rio de Janeiro é um livro que se escreve todos os dias. Suas páginas são feitas da dureza do asfalto e do concreto, mas também da matéria sensível das memórias que resistem ao tempo. Contudo, para ler essa cidade imensa em toda a sua profundidade, às vezes precisamos de guias, de companhias e, acima de tudo, de boas histórias que nos sirvam de mapa. Não basta olhar; é preciso caminhar. É preciso sentir o território sob a sola dos sapatos. É preciso, acima de tudo, abrir a escuta para as vozes que ecoam nas ruas.

Este livro é o registro de uma viagem que não exigiu passaportes ou longas travessias oceânicas, mas que nos levou para dentro da alma carioca. Nasce do projeto Círculo de Leitura, uma iniciativa sonhada e realizada pelo Círculo Laranja, que, ao longo do ano de 2025, transformou a cidade em imensas salas de leitura. Sob a chancela do Rio Capital Mundial do Livro – Edição Cultura Viva, e com o apoio fundamental do Ministério da Cultura e da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, ousamos propor que a literatura não deve ficar guardada em estantes empoeiradas, mas deve circular, sujar-se de vida e dialogar com a realidade de quem constrói esta cidade.

Mas, para entender a alma deste projeto, é preciso antes voltar um pouco no tempo e entender de onde viemos. É preciso olhar para a cor que nos define: o laranja.

Há pouco mais de uma década, em 2014, o Rio de Janeiro viu nascer um movimento genuíno, brotado do asfalto quente e do suor de quem cuida da limpeza urbana. Foi ali, no calor das ruas e na urgência da dignidade, que nasceu o Círculo Laranja. O que começou como uma

busca por reconhecimento profissional transformou-se, com a força dos anos, em algo muito maior. Aquele grupo de trabalhadores, liderado por Célio Gari, percebeu que a verdadeira revolução não estava apenas na valorização do salário, mas na conquista da cidadania plena através da cultura, da educação e do cuidado com o meio ambiente.

Célio, um homem que por quinze anos percorreu o Rio com a vassoura na mão e o uniforme laranja no corpo, tornou-se o fio condutor dessa nova história. Ele entendeu que varrer as ruas era também uma forma de ler a cidade, de conhecer suas esquinas, suas dores e suas potências. Ao fundar o Círculo Laranja no Grande Méier, ele e seus companheiros plantaram uma semente que cresceu robusta. Tornou-se uma organização que planta árvores para amenizar o calor do subúrbio e cuida da saúde de quem habita o nosso território. Que constrói pontes para o futuro, inserindo a juventude da periferia nas universidades públicas. Uma instituição plural que atua na assistência, na educação, na cultura, na saúde e no meio ambiente, transformando vidas diariamente. E que, agora, espalha livros como quem espalha esperança.

Neste livro, Célio não é apenas o fundador; ele é o nosso Griô.

Resgatamos essa palavra ancestral, de matriz africana, para designar aquele que guarda e transmite a memória da comunidade. Mas o nosso Griô é urbano, contemporâneo. A biblioteca de Célio não é feita apenas de volumes encadernados, mas de vivências. Sua sabedoria vem da capacidade de conectar a literatura com a conversa de bar, de unir a poesia de Machado de Assis à prosa do trabalhador que pega o trem das cinco. No Círculo de Leitura, ele foi o mediador que, com leveza e sorriso no rosto, convidou jovens, adultos e idosos a perderem o medo dos livros e a se encontrarem nas páginas de grandes autores.

A proposta do projeto foi, essencialmente, a itinerância. Entendemos que o lugar onde se lê altera o texto lido. Ler sobre ancestralidade indígena pisando na terra de uma aldeia urbana tem outro sabor. Ler sobre a memória da escravidão diante das pedras de um cais histórico traz uma dimensão física à palavra. Ler autores do subúrbio no coração da Zona Norte nos faz sentir em casa.

Assim, ao longo de 2025, o Círculo de Leitura foi um movimento de circulação e descoberta. Saímos do nosso quilombo no Cachambi para abraçar a cidade. Fomos nômades da palavra. Em cada encontro, um livro diferente serviu de bússola; em cada território visitado, uma nova camada da história do Rio se revelou. Vimos estudantes de escolas públicas descobrirem que suas vidas também dão livro. Vimos a comunidade se emocionar ao perceber que a literatura fala sobre elas, sobre nós, sobre o agora.

Este livro que você tem em mãos é, portanto, um convite para refazer esse trajeto conosco. Nas próximas páginas, você caminhará pelas ruas do Rio de Janeiro, guiado pelas vozes dos autores que lemos, pelas reflexões que fizemos em roda e pela sabedoria do nosso Griô.

Aqui, celebramos o encontro. Celebramos a parceria entre a sociedade civil e o poder público que entende a cultura como um direito básico. Celebramos a literatura como uma festa, um espaço de prazer e de reconhecimento.

O Círculo Laranja convida você a entrar nessa roda. Acomode-se, respire fundo e prepare-se para ler o Rio de Janeiro com outros olhos. Porque, afinal, uma cidade que lê a si mesma é uma cidade que nunca para de se reinventar.

Sejam bem-vindos ao nosso Círculo.

Peço licença aos donos da terra com Célso Griô e Cacique Urutau

LOCAL: ALDEIA MARAKANÃ

LIVRO: "FUTURO ANCESTRAL", DE AILTON KRENAK



Capítulo 1

Peço licença aos donos da terra

Toda grande jornada começa com um gesto de humildade: pedir passagem a quem chegou antes. Para o Círculo de Leitura, abrir os caminhos pelas histórias do Rio de Janeiro exigia, primeiramente, pisar com reverência no solo sagrado de quem sustenta a memória da cidade. O dia 24 de abril de 2025 não foi apenas uma data no calendário, mas o marco inicial de uma travessia. O sol amanheceu reivindicando seu espaço entre as nuvens e o concreto, iluminando um território onde a ancestralidade se mantém viva e presente em meio à cidade: a Aldeia Marakanã.

O cheiro de café fresco, coado na hora, misturava-se ao odor úmido da terra e das árvores que teimam em crescer à sombra do gigantesco estádio vizinho. Aquele aroma era o primeiro sinal de acolhida, adoçando o reencontro de dois velhos companheiros de caminhada, Célio Viana e o Cacique Urutau Guajajara. Enquanto a equipe do Círculo de Leitura organizava as cadeiras, o desenho formado no chão ganhava um significado profundo. O formato circular, essa geometria sagrada ancestral, era estabelecido deliberadamente para recusar hierarquias e convocar o olho no olho. Ali, a equipe ajustava os últimos detalhes daquela que seria a primeira página viva de uma longa jornada literária.

Quando o portão se abriu para os estudantes da Escola Municipal República do Peru, localizada no Grande Méier, o que se viu foi o encontro de dois mundos separados por muros visíveis e invisíveis, mas unidos pela geografia da Zona Norte. Os jovens, com seus uniformes e

a agitação típica da idade, entraram com olhares curiosos, tateando aquele espaço tranquilo cercado pelo trânsito intenso da Avenida Radial Oeste. Foram acomodados no centro do território, sob a copa das árvores que filtravam a luz solar. A disposição das cadeiras já ensinava antes mesmo da primeira palavra ser dita: a circularidade da cosmovisão indígena rompia, de imediato, com as fileiras retas da sala de aula tradicional. Era o prenúncio de uma manhã de vivências, onde a literatura não estaria presa ao papel, mas escrita na terra, na pele e na oralidade.

A equipe do Círculo de Leitura explicou aos presentes que o objetivo daquele projeto ia muito além de ler livros: tratava-se de promover a leitura de mundo, a reflexão crítica e o debate, fortalecendo o vínculo, muitas vezes rompido, entre os diversos territórios que compõem a cidade do Rio de Janeiro e suas comunidades tradicionais. Foi ressaltada a importância vital do fomento público — através da parceria entre o Governo Federal e a Prefeitura — que permitia que saberes tão fundamentais, e historicamente silenciados ou marginalizados, pudessem circular livremente, rompendo as bolhas sociais que segregam a cidade. Aquele encontro não era um evento isolado, mas uma afirmação política de que a cultura e a memória devem ser acessíveis a todos.

A atmosfera mudou sensivelmente quando o Cacique Urutau Guajajara se levantou para fazer as honras da casa. Sua figura era uma síntese de tempo e luta: o cocar Cangatara de penas de arara, o colar com as cores vibrantes da cobra-coral, os cabelos longos e brancos e a pintura de jenipapo marcando a pele como um texto antigo. Ele não começou falando a língua do colonizador.

— Aguyjevete. Mba'éichapa? — saudou ele em Ze'eng eté, sua língua materna.

O som das palavras originais causou uma curiosidade nos estudantes. Urutau, que também é professor e linguista na Universidade Indígena, sabia o poder da língua. Ao falar primeiro em seu idioma e só depois traduzir para o português, invertia a lógica colonial, recusando a ideia de que existe apenas uma forma legítima de pensar, nomear e dizer o mundo. Ele se apresentou como um corpo-território, alguém cuja identidade não se separa do chão que defende, um guardião de uma história que a cidade tenta soterrar sob o asfalto.

Ao seu lado, Célio Griô aguardava seu momento com a serenidade de quem conhece o tempo das coisas. Vestia roupas claras e sandálias franciscanas. Célio se apresentou como homem negro e, com orgulho evidente na voz, relembrou sua trajetória como gari por quinze anos. Ele fez questão de enfatizar que é fundador do Círculo Laranja, um movimento que nasceu da luta histórica dos garis do Rio de Janeiro — uma batalha por direitos, visibilidade e respeito que parou a cidade e mostrou a força da classe trabalhadora. Célio olhou para os jovens e lembrou, com um sorriso cúmplice, que sua neta Emily também estudava na República do Peru, criando um laço imediato de intimidade e pertencimento com a plateia jovem.

Mas para que aquele diálogo fluísse com a profundidade necessária, era preciso invocar a presença de quem guiaria os pensamentos daquela manhã. O livro que repousava no colo dos participantes, *Futuro Ancestral*, não foi escolhido ao acaso. Antes de qualquer debate, era fundamental entender quem é Ailton Krenak. Nascido na região do Rio Doce, em Minas Gerais, Krenak é muito mais do que um escritor; é uma das vozes mais lúcidas e potentes do pensamento contemporâneo global. Ativista, ambientalista, filósofo e, desde 2023, o primeiro indígena a ocupar uma cadeira na Academia Brasileira de Letras, sua trajetória se confunde com a história de resistência do Brasil.

Sua figura é marcada indelevelmente pelo gesto histórico na Assembleia Constituinte de 1988¹, quando, vestido de terno branco, subiu à tribuna e pintou o rosto de preto com pasta de jenipapo enquanto discursava, num luto combativo, denunciando o retrocesso nos direitos indígenas. Em *Futuro Ancestral*, obra que norteava o encontro, Krenak nos convoca a uma mudança radical de perspectiva. Ele argumenta que o futuro não é uma linha reta para frente, rumo ao progresso tecnológico desenfreado, mas uma espiral que exige a reconexão com a ancestralidade. Para Krenak, "o futuro é ancestral", e a sobrevivência da humanidade depende de pararmos de nos enxergar como algo separado da natureza. Rios não são recursos hídricos; são avôs, são parentes. A terra não é mercadoria; é mãe. Sem essa compreensão, a civilização caminha para o abismo.

Foi sob a luz dessa filosofia que Célio, assumindo seu papel de guardião de histórias, lançou a primeira provocação ao grupo, evocando as datas recentes do calendário escolar.

— No dia 22 de abril de 1500, o que aconteceu aqui no Brasil? — perguntou ele, sondando o conhecimento dos estudantes.

A resposta veio rápida da boca de Miguel, um estudante do oitavo ano, rompendo o silêncio com a clareza de quem já questiona os livros didáticos antigos:

— A invasão dos portugueses.

¹ O histórico discurso ocorreu em 4 de setembro de 1987. Na ocasião, Krenak representava a União das Nações Indígenas (UNI) e defendia a Emenda Popular contra propostas que ameaçavam os direitos originários. Sua intervenção foi decisiva para a aprovação dos Artigos 231 e 232 da Constituição Federal de 1988, que reconhecem a organização social, costumes, línguas, crenças e tradições dos povos indígenas, bem como os direitos originários sobre as terras que ocupam.

Célio assentiu, validando a correção histórica, mas foi Urutau quem tomou a palavra para incendiar o debate e aprofundar a ferida colonial. Para o cacique, "invasão" ainda era um termo tímido diante da barbárie que se instaurou.

— É pouco, Miguel. É pouco — disse Urutau, sua voz ganhando a aspereza da revolta secular. — Encobre uma coroa que é cruel. Portugal foi financiado pela cruel Coroa Britânica, pela França e pela Espanha.

Urutau desconstruiu a narrativa romântica do "descobrimento" com a precisão de um golpe. Lembrou que, enquanto a Europa do século XVI agonizava com pestes, falta de higiene e fome crônica, os povos originários de Pindorama já dominavam sofisticadas tecnologias de manejo florestal e domesticação de alimentos. Cultivavam o milho, a mandioca, a batata e tantos outros tubérculos que, séculos depois, salvariam o Velho Mundo da inanição.

— Nós alimentamos a Europa — afirmou ele, categórico, devolvendo a dignidade tecnológica aos seus antepassados. — E o que recebemos em troca? Doenças, espelhos e um projeto de extermínio.

A conversa fluiu para a necessidade urgente de descolonizar o pensamento e o vocabulário. Urutau olhou nos olhos dos professores e alunos e pediu que abandonassem o termo "índio", uma generalização preguiçosa criada pelo colonizador que achava ter chegado às Índias.

— Não somos índios. Somos povos originários. Somos nações indígenas. Somos mais de trezentas e cinco nações, falantes de duzentas e setenta e quatro línguas diferentes. Chamar-nos de índios é apagar essa diversidade imensa, é continuar o trabalho de silenciamento do colonizador.

Célio complementou, trazendo a discussão para o território. Lembrou que o apagamento começa quando os números oficiais ignoram a existência dos povos indígenas no contexto urbano.

E foi a própria Aldeia, esse território sagrado localizado na Tijuca, que se tornou personagem central da fala seguinte. Urutau e Célio narraram a saga épica daquele espaço. O prédio, um casarão histórico que de 1953 a 1978 abrigou o primeiro Museu do Índio¹, ficou abandonado pelo poder público até 2006. Foi então que um coletivo pluriétnico — Guajajaras, Pataxós, Tukanos, Apurinãs e tantas outras etnias² — retomou o espaço, transformando as ruínas em uma Universidade Indígena.

— Eles chamam isso aqui de lixo urbano — disse Urutau, referindo-se aos ataques constantes de pessoas que desejam transformar a área em estacionamento ou shopping. — Dizem que quem gosta de índio devia ir para a Bolívia. Mas nós estamos aqui. Estamos sentados sobre terras que valem milhões para eles, mas que para nós valem a vida e a memória dos nossos ancestrais.

O diálogo, guiado pelas páginas de Krenak, desaguou inevitavelmente no tema das águas, elemento vital para a cosmovisão indígena. "O rio é um caminho dentro da cidade", escreveu o autor, lamentando que tenhamos decidido sepultá-los. Célio, conhecedor das ruas do Rio como a palma de sua mão, falou com tristeza do Rio Maracanã, que corre ali perto, invisível e morto.

— Ele nasce limpo, lá no alto, no Maciço da Tijuca. Mas a cidade, em

¹ Atualmente, o Museu Nacional dos Povos Indígenas, antigo Museu do Índio, fica na Rua das Palmeiras 55, no bairro de Botafogo, na cidade do Rio de Janeiro.

² ALBUQUERQUE, Marcos Alexandre dos Santos. Indígenas na cidade do Rio de Janeiro. Cadernos do Desenvolvimento Fluminense, Rio de Janeiro, n. 7, pp. 149-168, jan/jun. 2015

seu descaso, o transformou em um esgoto a céu aberto, um canal de dejetos.

Urutau, aproveitando a deixa, ensinou uma lição de etimologia tupi que fez os estudantes se entreolharem, percebendo como a língua guarda segredos da terra.

— Tijuca, em tupi, quer dizer "água podre", "caminho do barro", "lama". Parece que o nome já previa o que a urbanização faria com a água pura da floresta.

A discussão escalou do local para a geopolítica global da água. Falaram dos Aquíferos Guarani e Alter do Chão, as maiores reservas de água doce subterrânea do planeta, riquezas incalculáveis cobiçadas pelas transnacionais. Urutau denunciou a mercantilização da sede e a apropriação dos bens comuns.

— Grandes corporações querem roubar a nossa água e vender para o Miguel, para vocês, por um preço que não podemos pagar. Ninguém bebe petróleo, gente. Eu não bebo gasolina. Eu bebo água. É isso que as ratazanas querem.

A política, densa e inevitável, permeava cada frase, levando o debate a um dos pontos mais críticos da atualidade: o Marco Temporal. Era preciso explicar aos jovens aquela ameaça jurídica com clareza. Urutau e Célio detalharam que essa tese, defendida por setores do agronegócio e pela bancada ruralista, propõe que os povos indígenas só teriam direito às terras que estivessem ocupando fisicamente na data exata da promulgação da Constituição, em 5 de outubro de 1988.

— Fizeram agora, não satisfeitos, o Marco Temporal: dizer que só tem direito à terra, de estar na terra, os que estavam aqui antes da Constituição de 88. E aí marcam a Constituição de 88 como esse marco temporal — explicou Urutau.

A "bancada do agro", que vê a terra apenas como lucro e monocultura, foi apontada como a grande promotora dessa tese que fere as cláusulas pétreas¹ da Constituição. Célio lembrou novamente o gesto de Krenak em 88: o luto dele era justamente contra esse tipo de manobra que tenta rasgar os direitos originários. "Sejamos água", pedia o livro, "em nossa movência e capacidade de mudar o rumo", e resistir ao Marco Temporal é, hoje, a forma mais urgente de ser água que contorna os obstáculos.

Foi nesse momento de reflexão profunda que a conexão entre as lutas se fez presente na roda. A equipe do Círculo relembrou que a própria organização do Círculo Laranja nasceu das históricas Jornadas de Junho de 2013. Aquele foi o mesmo momento em que a Aldeia Marakanã enfrentava o cerco policial violento e as ameaças de demolição para as obras da Copa do Mundo. A cidade pulsava em revolta, e os destinos se cruzaram.

Foi ali, sob a fumaça do gás lacrimogêneo e a pressão do Estado, que Célio e Urutau se encontraram. Os garis, que na época protagonizavam uma greve histórica por dignidade, olharam para a resistência indígena na Aldeia e viram um espelho de sua própria luta. O documentário Estado de Exceção registra essa aliança improvável e poderosa: vassouras e maracás unidos contra a opressão, contra a remoção, contra o silenciamento. A luta pela terra e a luta pelo trabalho digno se revelaram faces da mesma moeda. Ficou o convite para que os jovens usassem a tecnologia em seus bolsos não apenas para o entretenimento, mas como arma de denúncia, memória e mobilização.

O encerramento daquela manhã não poderia ser apenas com palavras; o corpo precisava sentir o que a mente havia processado.

¹ Dispositivos da Constituição Federal que não podem ser abolidos nem alterados, mesmo por emenda constitucional.

Potyra Guajajara, artesã, tecelã e liderança feminina da Aldeia, entrou na roda com a leveza de quem pisa em solo conhecido. Com um sorriso que desarmava qualquer tensão remanescente, ela convidou a todos para manterem o círculo, mas agora em movimento. Os maracás começaram a ditar o ritmo, um constante como o batimento cardíaco.

E ali, sob o sol do meio-dia, indígenas, estudantes, professores e todo o Círculo Laranja, dançaram. A timidez inicial dos adolescentes se dissolveu no ritmo ancestral. Corpos urbanos, acostumados ao concreto, reaprenderam, mesmo que por instantes, a linguagem da terra.

Após a dança, a formalidade se desfez completamente em um lanche partilhado sob as árvores. Frutas frescas e sucos passavam de mão em mão, um banquete simples que celebrava a abundância da natureza. Enquanto comiam, os jovens se dispersaram pela aldeia, apropriando-se do espaço. Um grupo cercou Urutau para uma visita guiada, ouvindo histórias de cada canto do terreno, do "cantinho da infância" ao espaço de estudos. Outros, mais ousados, ofereceram os braços e rostos para a pintura corporal. O jenipapo traçava na pele dos estudantes da República do Peru marcas que não saíam com água e sabão tão facilmente; eram grafismos de memória, selando um pacto silencioso com aquele lugar.

A literatura de Ailton Krenak havia saído das páginas de *Futuro Ancestral* e se tornado vida pulsante. O projeto não era apenas sobre ler livros; era sobre ler o mundo, como ensinara Paulo Freire¹. Era sobre entender que o futuro não é um lugar distante para onde corremos, mas uma ancestralidade que precisamos recuperar para não nos perdermos no caminho.

Antes de partirem, reuniram-se uma última vez para a foto oficial. Não houve pose rígida, mas uma celebração espontânea daquela manhã transformadora. Ao sinal do fotógrafo, vozes de diferentes idades, cores e origens se uniram em um grito que atravessou os muros da aldeia e competiu com o ruído da cidade lá fora, uma afirmação de existência e permanência:

— Viva a Aldeia Marakanã! Aldeia Marakanã resiste!

E o eco daquele grito parecia confirmar a profecia de Krenak: o fim do mundo pode, sim, ser adiado¹, desde que tenhamos a coragem de contar outras histórias. Aquele "viva" selava o encontro, mas inaugurava o percurso. Pelas ruas do Rio, outros territórios aguardavam, outras histórias pediam passagem e Célio Griô já olhava para o horizonte. A cidade o convocava para a próxima parada.

¹ FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler: em três artigos que se completam. 51. ed. São Paulo: Cortez, 2011. .

¹ KRENAK, Ailton. Ideias para adiar o fim do mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

Lima Barreto encontra Carolina

Maria de Jesus

com Célio Griô e Rachel Lima

LOCAL: COLÉGIO ESTADUAL REPÚBLICA DO PERU
LIVROS: "MELHORES CRÔNICAS DE LIMA BARRETO",
SELEÇÃO DE BEATRIZ RESENDE E "QUARTO DE DESPEJO:
DIÁRIO DE UMA FAVELADA", DE CAROLINA MARIA DE JESUS



Capítulo 2

Lima Barreto encontra Carolina Maria de Jesus

A trilha do Griô se desenha no mapa do Rio de Janeiro, costurando mundos que parecem distantes, mas ocupam a mesma cidade. Se o primeiro capítulo dessa história foi escrito sobre a terra batida e sagrada da Aldeia Marakanã, a página seguinte exigiu a vivacidade da noite suburbana. No dia 10 de junho de 2025, o Círculo de Leitura desembarcou no coração do Grande Méier, no Colégio Estadual República do Peru.

Ali, onde o barulho do tráfego da Rua Arquias Cordeiro compete com a história ferrolhada nos trilhos do trem, Célio pisou não como um visitante distante, mas como quem retorna ao próprio lar. A escola, um lugar de resistência da Educação de Jovens e Adultos (EJA), abriu os portões para uma noite de abraços e reencontros. O clima era de gente que batalha o dia todo, mas guarda um sorriso teimoso no rosto para a hora da aula.

O encontro daquela noite prometia uma intersecção de tempos, almas e geografias. O título "Lima Barreto encontra Carolina Maria de Jesus" sugeria um diálogo impossível pela cronologia física, mas urgente e real pela semelhança das dores, das potências e das denúncias. E foi sob a regência da arte e da memória que esse diálogo se materializou. Bolo caseiro, sanduíches e frutas preparadas com carinho pela gastronomia social do Círculo Laranja, avisava que ali a cultura alimentava a alma, mas também cuidava do corpo.

A abertura oficial ficou a cargo de Kish Lopes, diretora do colégio. Com a autoridade de quem lidera uma instituição de ensino e o acolhimento necessário para a EJA, ela trouxe uma reflexão sobre a natureza implacável do tempo e a capacidade de reinvenção humana. — O tempo, ele é um bruxo. Né? E ele não volta. Então vamos aproveitar bem o tempo — destacou a diretora, convocando a atenção de todos para o presente. Citando Eduardo Galeano, ela reforçou o papel transformador da educação: — Nós somos o que somos, mas somos principalmente o que nós fazemos para mudar o que nós somos¹.

De repente, o auditório virou palco. Os estudantes assumiram o comando e transformaram o espaço num sarau. Atores encarnaram vozes gigantes da nossa cultura. De um lado, o genial Lima Barreto; do outro, a força da natureza que foi Elza Soares.

— Boa noite, Lima. Que honra é essa, meu filho? Falar contigo assim, frente a frente. Entre o samba e a leitura. Nossa alma preta e brasileira se encontra, né? — saudou a atriz, invocando a ancestralidade com a postura de uma rainha.

O ator, vestindo a pele do cronista de Todos os Santos, respondeu com a reverência devida: — Verdade. Boa noite, Dona Elza. Ou melhor, minha melhor rainha. Que encontro inusitado. Você é um símbolo da existência e da força. E eu, um cronista das dores e contradições dessa cidade que tanto nos marca. Aqui estamos, bem pertinho do Méier.

O diálogo cênico percorreu a geografia afetiva e dolorosa da Zona Norte. Falaram de Água Santa e de suas fontes que prometiam curas milagrosas no passado, uma metáfora para uma cidade que, nas

¹ GALEANO, Eduardo. O livro dos abraços. Tradução de Eric Nepomuceno. Porto Alegre: L&PM, 2009.

palavras do Lima encenado, "sempre buscou se purificar, e sem perceber que na verdade a doença era social".

Mas foi quando a performance evocou o poema de Solano Trindade¹ que a sala entrou em transe. O ritmo da fala acelerou, mimetizando o balanço e o ruído da locomotiva que corta o subúrbio, carregando a força de trabalho da cidade. — Trem sujo da Leopoldina, correndo, correndo, parece dizer: Tem gente com fome! Tem gente com fome! A repetição tornou-se um mantra. A plateia, reconhecendo-se naquele vagão imaginário, respondeu em uníssono, numa catarse coletiva que unia o passado de 1940 ao presente de 2025: — Tem gente com fome! Tem gente com fome! — Se tem gente com fome, dá de comer! — gritou o ator.

Quando a poeira da encenação baixou, foi a vez de a história ser contada com o rigor da pesquisa e a paixão da vivência. Rachel Lima, historiadora convidada, assumiu o microfone. Mulher branca, de cabelos cacheados e óculos, ela se apresentou não apenas com seus títulos acadêmicos, mas com sua identidade suburbana de Inhaúma, filha de pais nordestinos que vieram buscar a vida no Rio.

— O Lima foi o primeiro escritor que eu tive real afeição — confessou Rachel, conectando-se imediatamente com os alunos. — Porque quando a gente tá aqui na sala de aula, a gente tem que ler Machado de Assis... Mas o Lima, eu sou suburbana desde que eu nasci... e o Lima falava de Inhaúma no livro. O Lima falava do Méier. O Lima falava de Todos os Santos.

Rachel guiou os estudantes pelas páginas do livro que norteava aquela parte do encontro: *Melhores Crônicas de Lima Barreto*, com seleção e prefácio de Beatriz Resende. A obra não é apenas uma coletânea, mas

¹ TRINDADE, Solano. Tem gente com fome. In: TRINDADE, Solano. *Cantares ao meu povo*. São Paulo: Brasiliense, 1981

um mapa do pensamento de um intelectual negro que, no início do século XX, ousou desafiar o otimismo ingênuo da Belle Époque¹ carioca. A seleção de Resende resgata o Lima "jornalista militante", aquele que caminhava pelas ruas não como um flâneur² descompromissado, mas como um observador das desigualdades.

Nas páginas desse livro, Lima Barreto desmonta a fachada da República que prometia ordem e progresso, mas entregava exclusão. Ele escreve sobre a derrubada dos cortiços, sobre a inflação que corroía o salário do trabalhador e sobre o subúrbio não como um lugar de falta, mas como um espaço vibrante de sociabilidade, festas e vida. Rachel destacou como Beatriz Resende conseguiu, através dessa curadoria, mostrar que Lima não era apenas o "escritor triste" ou "alcoólatra", mas um pensador moderno, irônico e profundamente engajado com o seu tempo — um tempo que dialoga assustadoramente com o nosso.

Ela trouxe à tona um Lima Barreto crítico da República recém-nascida, que aboliu a escravidão mas não garantiu cidadania; que criou um Código Penal para punir "vadios e capoeiras", criminalizando a existência negra e o desemprego forçado. Com humor e precisão, ela narrou a crônica "A Queixa de Defunto", onde um morto reclama à prefeitura sobre os buracos da Rua José Bonifácio — uma via que os alunos conhecem bem, provando que, cem anos depois, os buracos (físicos e sociais) do subúrbio permanecem os mesmos. — A culpa é da Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro, que não cumpre seus

¹ Refere-se ao período de intensa modernização e europeização do Rio de Janeiro, marcado pela reforma urbana do prefeito Pereira Passos. Inspirada na Paris de Haussmann, essa reestruturação buscava sanear e embelezar a cidade, mas resultou na expulsão das classes populares do centro para os morros e subúrbios, criando um cenário de desigualdade que Lima Barreto criticava asperamente em suas crônicas.

² Termo francês que designa o "passeante" urbano. É o observador ocioso e anônimo que vaga pelas ruas da metrópole moderna sem destino fixo, absorvendo a paisagem e a multidão como espetáculo.

deveres calçando as ruas — leu Rachel, arrancando risos de identificação da plateia.

Mas Rachel também tocou na ferida aberta do machismo, citando a crônica "Não as matem", de 1915, presente na antologia. O texto, um apelo desesperado de Lima contra o assassinato de mulheres por seus companheiros, ecoou assustadoramente atual na sala de aula. — Deixem as mulheres amar à vontade. Não as matem, pelo amor de Deus — leu Rachel, conectando o texto secular às estatísticas brutais de 2023, onde mulheres negras continuam sendo as maiores vítimas. — A literatura, ela faz refletir o hoje. Essas pessoas que vivenciaram esses espaços, elas vivenciaram esses problemas, faz a gente pensar na nossa vida atualmente.

Então, Célio Griô levantou-se. Sua presença naquele colégio tinha uma camada extra de significado. Ele vestia uma camisa preta com a frase "A Casa Grande surta quando a senzala aprende a ler", uma declaração de princípios estampada no peito. Célio começou revelando sua conexão visceral com aquele espaço de ensino.

— Eu estudei aqui nessa escola — revelou Célio, a voz embargada pela memória, mas firme no propósito. — Eu passei 15 anos da minha infância dentro de uma escola do governo federal. Era... se chamava Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor. FUNABEM. Entrei com 3 anos, saí com 18. E de lá eu fui para a Brigada Paraquedista. Mas eu tinha o desejo de estudar, sabe? E nessa escola eu encontrei a oportunidade. E pude concluir ano passado o meu ensino médio.

Ele contou sobre o colega de 80 anos em sua sala, provando que o tempo da educação é o tempo do desejo, não da idade. Mas Célio não estava ali apenas para falar de si; sua missão, como Griô, era trazer à roda a presença de Carolina Maria de Jesus e sua obra-prima, *Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada*.

Este livro não é apenas um relato; é um soco no estômago da sociedade brasileira. Publicado originalmente em 1960, ele compila os diários escritos por Carolina entre 1955 e 1960, em cadernos encardidos que ela encontrava no lixo. Célio fez questão de ressaltar a materialidade daquela escrita: a "fome amarela", como ela descrevia a sensação física da inanição, não era uma metáfora literária, mas uma companheira diária. O título do livro resume a tese sociológica de Carolina: se a cidade é uma casa de alvenaria rica, a favela é o quarto de despejo, o lugar onde se joga tudo aquilo — e aqueles — que a elite não quer ver. A escrita de Carolina, com sua gramática própria e visceral, subverte a norma culta para impor a norma da sobrevivência.

— Ela tinha um sonho, um desejo de estudar — narrou Célio. — Mas ela tinha 7 irmãos... e houve uma situação, como ela gostava muito de ler e ela tava passando com o livro dela, ela foi parada e foi identificada como uma feiticeira. E ela foi presa, junto com a mãe dela. Célio desmontou o estereótipo. Falou da mulher que, em 1937, trabalhou na casa do Dr. Euryclides Zerbini, o pioneiro dos transplantes cardíacos, e devorava sua biblioteca nas folgas. Falou da mulher que foi para a favela do Canindé e, ao ver homens destruindo o parquinho das crianças, não baixou a cabeça.

— Imagina aquela mulher, poderosa, negona — descreveu Célio, gesticulando. — Quando ela viu a confusão, ela chegou e deu logo um esporro neles todos... E aí, cara, o que deixou mais assustado aqueles caras que ela colocou pra correr, foi que ela falou o seguinte: "Olha meu irmão, se vocês não parar de fazer essa palhaçada aí, eu vou colocar o nome de vocês todinho no meu diário".

A plateia riu, mas entendeu a mensagem: a escrita era a arma de Carolina. *Quarto de Despejo* servia como um tribunal moral onde ela julgava os vizinhos violentos, os políticos corruptos e a sociedade indiferente. Célio narrou o encontro com o jornalista Audálio Dantas

não como um salvamento, mas como um reconhecimento mútuo de potências.

Célio encerrou sua fala olhando nos olhos dos estudantes da EJA, devolvendo a eles a responsabilidade e a grandeza de suas próprias histórias. — Tem matriz na favela e sucursais nos lares dos operários — citou ele, uma das frases mais cirúrgicas de Carolina presentes no livro. — E eu aqui quando olho aqui, eu tô vendo aqui várias Carolinas. Eu tenho certeza que cada mulher, cada homem aqui tem o mesmo potencial que Carolina tem. É pra isso que existe a escola. É pra nos ensinar, nos fazer acreditar pra que nós possamos nos empoderar.

A noite, já avançada, abriu espaço para a reflexão sobre a própria existência do Círculo Laranja. Lurette Ornellas, presidente da organização, tomou a palavra para conectar a literatura à luta de classes, lembrando que aquele projeto cultural nasceu de uma luta trabalhista. — O Círculo, ele nasce da greve dos garis do Rio de Janeiro — explicou Lurette, contextualizando. — Foi essa greve que trouxe a maior vitória de uma categoria da classe trabalhadora brasileira... 45% de aumento salarial. Ela narrou como a demissão política de Célio, longe de silenciar o movimento, foi o adubo para o nascimento do Círculo. — Nós fundamos o Círculo Laranja e trouxemos tudo o que nós vivemos naquela greve... para a construção desse espaço.

A escola, por sua vez, mostrou que não é apenas um lugar de recepção, mas de produção de arte. A diretora e os professores exibiram com orgulho o livro da *ExpoEJA*¹, onde obras de arte criadas pelos alunos — incluindo o próprio Célio e seu colega Jorge — foram imortalizadas e expostas no Theatro Municipal. — Nós entramos pra história — disse a diretora, emocionada, mostrando a página 56 do livro.

¹ RIO DE JANEIRO. Secretaria de Estado de Educação. *ExpoEJA – Desconstruindo bolhas e derrubando muros: conectando gerações e saberes*. Rio de Janeiro: Seeduc, 2023.

Ali estavam: Jorge, que esculpiu orixás com sucata, transformando lixo em divindade; e Célio, que recriou a *Pietà* com figuras negras, ressignificando a dor e a sacralidade. Ali, a teoria racista de que "o povo não tem cultura", combatida por Lima Barreto e Carolina, caía por terra, destroçada pela realidade da criação periférica.

Para encerrar, a música pediu passagem. Não qualquer música, mas o hino de outra grande mulher suburbana, Dona Ivone Lara, enfermeira e sambista que também serviu à saúde mental ao lado de Nise da Silveira, ali perto, no Engenho de Dentro. Uma aluna, encarnando a Dama do Samba, puxou o coro. A sala inteira, de pé, uniu-se em uma só voz, transformando a sala de aula em terreiro e palco: "*Sonho meu, sonho meu... Vai buscar quem mora longe, sonho meu...*"¹.

O sarau havia terminado e o Círculo de Leitura deixara sua semente, mas a colheita ainda exigia mais chão. As vozes de Lima Barreto e Carolina Maria de Jesus, que naquela noite ecoaram denúncia e resistência, agora pediam um passo além: organização. Era hora de encontrar Abdias do Nascimento e abrir caminho para a conversa sobre Quilombismo.

¹ LARA, Dona Ivone; CARVALHO, Dêlcio. "Sonho meu" (1978).

Quilombismo

com Célso Griô e Priscila Barros

LOCAL: CENTRO MUNICIPAL DE SAÚDE RENATO ROCCO
LIVRO: "O QUILOMBISMO", DE ABDIAS DO NASCIMENTO



Capítulo 3

Quilombismo

Ainda no mês de junho, o Círculo de Leitura adentrou um território que é extensão da própria casa do Círculo Laranja. A proximidade geográfica com a sede da organização tornava aquele deslocamento não uma viagem, mas um movimento de vizinhança, de reconhecimento entre pares. O destino foi o Centro Municipal de Saúde Renato Rocco, no Jacaré. Ali, naquele espaço de promoção de saúde, o projeto montou sua base para discutir não apenas literatura, mas estratégia de sobrevivência, reparação histórica e organização política.

O livro que repousava nas mãos dos participantes não era um romance, nem uma crônica. Era um manifesto, uma carta de princípios e um projeto de nação: *O Quilombismo*, de Abdias do Nascimento¹. Se nos encontros anteriores a literatura de Lima Barreto e Caolina Maria de Jesus denunciou a exclusão e a miséria, agora Abdias propunha a estrutura, a tomada de poder e a reorganização da sociedade brasileira. E para falar de organização política negra, o território escolhido foi fundamental. A comunidade do Jacarezinho, com suas histórias de lutas, dores e potências, configura-se como um quilombo contemporâneo vivo.

Célio Viana entrou na unidade de saúde com a familiaridade de quem pisa em solo conhecido, despido de formalidades acadêmicas, mas

vestido de sua própria história. — De fato, eu passei um período da minha vida na comunidade Jacarezinho. Morei ali na Rua Dom Jairo de Oliveira — revelou ele, conectando sua biografia à do lugar. — É com o máximo respeito e muito orgulho de estar nessa unidade de saúde, pois na minha juventude eu lembro quando isso aqui foi inaugurado. Lógico, eu trouxe os meus filhos para se vacinar aqui, eu também me vacinei.

Sua vestimenta naquele dia era uma declaração visual de pertencimento a uma diáspora global, rompendo as fronteiras do bairro e conectando o Rio à África. — Eu sou um homem negro. Estou com um colar senegalês. Estou com uma camisa amarela, com o símbolo do continente africano, representado numa mulher.

Ao lado dele, a representação da força local veio personificada em Priscila Barros. Agente comunitária de saúde há 14 anos e moradora do Jacarezinho, traz na cabeça uma coroa de tranças, símbolo que fez questão de destacar. — Meu nome é Priscila Barros. Eu sou uma mulher negra, 43 anos. Sou mãe, sou avó... Eu estou com as minhas tranças hoje, que tem um simbolismo muito grande... falar de Abdias do Nascimento hoje vai ser muito importante porque a gente vai falar de coisas que nós precisamos juntos manter. Manter o legado de Abdias do Nascimento.

O ambiente do Centro Municipal de Saúde foi preenchido pela densidade da discussão política. O livro de Abdias serviu como ferramenta para examinar as feridas históricas do Brasil que nunca cicatrizaram porque nunca foram tratadas. Célio, com a franqueza de quem viveu na pele as consequências do abandono estatal, dissecou a tese central da obra: o racismo não é um acidente, é um projeto. — O Quilombismo, de Abdias, esfrega na cara o racismo no Brasil. Ele rasga, de maneira muito explícita — afirmou Célio, elevando o tom da conversa para a esfera estrutural.

¹ NASCIMENTO, Abdias. *O Quilombismo: documentos de uma militância pan-africanista*. 3. ed. São Paulo: Editora Perspectiva; Rio de Janeiro: Ipeafro, 2019.

Ele rememorou o pós-abolição, aquele momento fatídico em 1888 onde a liberdade jurídica veio desacompanhada de condições materiais de existência. Célio foi preciso ao citar os mecanismos legais criados para manter a população negra na miséria, especificamente a Lei de Terras de 1850¹. — Quando o negro, ele tem, entre aspas, sua liberdade. Ele já percebe que ele não tá tão livre assim. Por quê? Ele não tem casa. Ele não tem emprego. E ele não tem dinheiro. Não tem terra. Não tem lei. Então, ele tá abandonado à própria sorte... O governo brasileiro na época não fez reforma agrária. Muito pelo contrário... E aí foi criada, acho que em 1850, a Lei da Terra. A Lei da Terra só podia comprar terra quem tinha dinheiro. Como que o negro, sem emprego, sem dinheiro vai comprar terra? Não tem como. Quem ganhou com isso? Os latifundiários.

Mas *O Quilombismo* não é um livro de lamento; é um livro de combate. Abdias do Nascimento, um gigante intelectual que foi deputado, senador, artista e indicado ao Nobel da Paz², propunha o Quilombismo como uma alternativa política. Ele propunha uma organização baseada na experiência histórica dos quilombos: comunitarismo, solidariedade e, crucialmente, poder político. Célio foi enfático ao convocar a presença negra nos espaços de decisão. — O que o Abdias na verdade fala é o seguinte, ele chuta o pau da barraca e fala: olha, o negro, a negra, precisam sair desses lugares aonde nos colocam como subalternos. É disso que ele fala. Que nós precisamos tomar os espaços de poder. E ele não tá errado não. Primeiro que nós somos a maioria nesse país. E governado pela minoria branca. Lógico, é óbvio. Que branco vai fazer política pra branco.

¹ Lei nº 601, de 18 de setembro de 1850. Esta lei estabeleceu que as terras públicas só poderiam ser adquiridas por meio de compra e venda, impedindo que a população negra, recém-liberta ou escravizada, tivesse acesso à propriedade fundiária.

² Abdias do Nascimento (1914-2011) foi indicado oficialmente ao Prêmio Nobel da Paz em 2010 por sua luta histórica em defesa dos direitos humanos e contra o racismo. Além de político, fundou o Teatro Experimental do Negro (TEN) em 1944 e o Movimento Negro Unificado (MNU) em 1978.

Foi nesse ponto que a teoria de Abdias encontrou o chão do Jacarezinho. Célio e Priscila convergiram na redefinição do conceito de quilombo. O quilombo não é apenas o Palmares histórico de Zumbi, uma memória distante; o quilombo é uma tecnologia social ativa. — Na cabeça de Abdias do Nascimento, quilombo é todo espaço onde as pessoas se reúnem para preservar a sua história, a sua identidade, a sua vida. Todos esses espaços são quilombo — explicou Célio. — Nós do Círculo Laranja falamos firmemente que o Círculo Laranja é um quilombo. Até porque foi criado pelos trabalhadores da maior companhia de limpeza urbana da América Latina, que é composta na sua maioria de homens e mulheres negras.

Priscila completou o raciocínio trazendo-o para a vivência visceral do território. — Jacaré é sim um quilombo. E eu nunca vi em tantos anos na comunidade do Jacarezinho, o quanto tem se falado, tem se trazido o tema racismo. Ela relatou como o conhecimento político liberta, contando sobre moradores que, ao participarem de formações antirracistas, descobriram que as dores que sentiam a vida toda tinham nome, estrutura e responsáveis. — Muitos usuários aqui da clínica entraram no curso falando assim: eu não sei, eu nunca sofri racismo na minha vida. E essas pessoas têm saído falando assim: caramba, eu sofro racismo desde o ventre.

A conversa fluiu inevitavelmente para a dificuldade de acesso e a desigualdade de oportunidades educacionais, um dos pilares da manutenção do poder branco criticado por Abdias. Priscila foi enfática ao descrever o abismo que separa os jovens da favela dos estudantes das escolas de elite, questionando a meritocracia num país desigual. — A gente estuda em escola pública a vida inteira. E depois a gente vai competir com a galera do Santo Inácio, do Elite para tentar uma vaga na faculdade? Pública? Mas se é pública, por que que eu já não saio do meu ensino médio com a minha vaga garantida? — questionou ela, expondo a crueldade do sistema. — Eu não posso

competir com uma pessoa que estudou a vida inteira, teve uma alimentação maravilhosa... Eu ganhei uma vaga há um tempo atrás na PUC integral. Com filho pequeno e trabalhando? Que horas eu vou estudar? Como que eu vou pagar? Meus filhos vão passar fome?

A dor da escolha impossível entre estudar e comer foi exposta sem filtros, validando a tese de Abdias de que a libertação do povo negro passa necessariamente pela economia e pela autonomia. Mas, fiel ao espírito de Abdias, o lamento virou reivindicação de potência cultural. O Jacarezinho não é só carência; é lugar de arte, de invenção e de vida. — Os vadios de antigamente eram os sambistas. Hoje são os funkeiros — lembrou Priscila, defendendo a cultura periférica contra a criminalização constante. — Então aqui tem muita coisa boa. Aqui tem samba, aqui tem rap, aqui tem trap, aqui tem balé, aqui tem capoeira.

E a prova viva dessa cultura entrou em cena com o Coletivo Pac'stão. Os jovens Gui e Gustavo, crias do Jacaré e do Mandela, tomaram o microfone. O rap, a crônica ritmada e política das favelas modernas, ecoou pelo espaço de saúde, atualizando o discurso de Abdias para a linguagem do século XXI. — *Jornada é difícil, mas quem disse que é impossível? / Sou protagonista do meu próprio destino / Tudo que eu quero, com meu trabalho eu conquisto* — rimaram os meninos. Gui, num freestyle afiado, emendou uma rima que dialogava diretamente com a resistência pregada no livro: — *Nossa atitude é revolucionária / Tipo Mahatma Gandhi / É que se o problema é grande / Minha persistência multiplica e expande / Sempre com a cabeça erguida, eu tô firme, dois pés no chão / Meu ataque é perseverança, a defesa é a disposição.*

A tarde avançava e a necessidade de nutrir o corpo, base de qualquer revolução, se fez presente. Lurette Ornellas, presidente do Círculo Laranja, tomou a palavra para conectar a literatura à luta de classes,

lembrando que aquele projeto cultural nasceu de uma trincheira trabalhista fundamental: a greve dos garis. Ela reforçou que a saúde também passa pela cultura, pela luta e pela alimentação. O Círculo de Leitura preparou um cardápio especial, inspirado na vida e na história de Abdias, transformando o encontro em um momento de partilha e afeto, materializando o conceito de comunhão do quilombo.

— O Abdias, ele propõe um estado nacional voltado para essa política quilombola. E até hoje, dentro das comunidades, na favela, a gente vê esse processo dos quilombos. Quando falta um arroz, a gente bate ali na vizinha: "Tem um copinho de arroz aí não?". A vizinha dá. Acabou o açúcar, a gente pede o açúcar, a vizinha dá. Tem essas trocas. Diferente da pista... Isso vem da herança do negro, da negra — lembrou Célio, reforçando que a solidariedade é a tecnologia social mais antiga dos quilombos.

No encerramento, as vozes se uniram para exaltar a continuidade da luta e a vitalidade do território, reconhecendo que a batalha de Abdias continua. — Abdias do Nascimento é cultura, é resistência — bradou Lurette. — Viva a cultura! Viva Abdias! — Viva! — respondeu o público, numa só voz poderosa, confirmando que a memória do líder negro pulsava naquele auditório.

Ao sair do Centro Municipal de Saúde, Célio sentiu que a estrutura estava montada. Mas um quilombo precisa de algo mais para se manter de pé diante das tempestades. Ele precisa de chão firme e do tempero que alimenta a alma. O próximo passo da caminhada exigia entrar em contato com as guardiãs dos saberes ancestrais que nem sempre estão nos livros, mas nos atabaques. A estrada agora os chamava para um encontro com as energias que abrem os caminhos.

As tias que alimentam com axé com Célso Griô e Mãe Kelly de Ogum

LOCAL: TEMPLO DE UMBANDA CAMINHEIROS DA LUZ
LIVRO: "LENDAS DE EXU", DE ADILSON MARTINS



Capítulo 4

As tias que alimentam com axé

Há encontros que não exigem mapas, mas pedem coração. Em julho de 2025, o Círculo de Leitura mergulhou nas profundezas do próprio quintal para revelar a potência do Cachambi. Neste bairro da Zona Norte, dois gigantes dividem o mesmo chão: o Círculo Laranja e o Templo de Umbanda Caminheiros da Luz (TUCAL). O trajeto curto na geografia física se transformou em uma jornada imensa de reconhecimento, celebrando a aliança entre dois equipamentos que, lado a lado, sustentam a identidade e a memória do território.

O encontro aconteceu no Templo de Umbanda Caminheiros da Luz (TUCAL), situado na Rua Miguel Fernandes. A escolha do local não foi aleatória; foi um posicionamento político e pedagógico. O projeto adentrou um espaço de matriz africana para valorizar a cultura, a história e a resistência comunitária que ali habitam, entendendo o terreiro não apenas como local de fé, mas como um polo de preservação de saberes, de acolhimento e de identidade afro-brasileira.

A manhã de domingo, 13 de julho, começou com a movimentação típica de quem prepara a casa para uma grande celebração. O Círculo Laranja chegou trazendo a literatura, mas também o sustento. A mesa do lanche coletivo, preparada com esmero pela equipe do projeto, foi montada no pátio para garantir que a partilha do conhecimento fosse acompanhada, inevitavelmente, pela nutrição do corpo.

Célio Viana adentrou o espaço com o olhar atento de um observador que busca conexões. O livro escolhido para guiar o encontro, *Lendas*

de Exu de Adilson Martins¹, já indicava o tom da conversa: desmistificar, aprender e dialogar. Exu, figura central da cosmogonia afro-brasileira, orixá da comunicação, do movimento e das encruzilhadas, tantas vezes estigmatizado pelo racismo religioso e pela ignorância, seria o tema central, analisado ali sob a ótica da cultura, da história e da vitalidade.

O ambiente do TUCAL estava sendo preparado com um zelo que revelava a ética daquele coletivo. Mãe Kelly de Ogum, a anfitriã e dirigente do espaço, coordenava os ajustes finais com a naturalidade de quem lidera pelo exemplo. Não se tratava de uma celebração litúrgica, mas o cuidado estava presente em cada detalhe, reafirmando que a beleza é parte fundamental da resistência. Ela vestia um vestido que homenageava Ogum e um colar de Exu feito com pimentas, peças que ela fez questão de destacar não apenas como paramentos, mas como obras de arte produzidas por uma das integrantes da casa e artesã de mão cheia.

Com o espaço físico e energético alinhados, e com o público acomodado — moradores do bairro, integrantes do Círculo, membros do terreiro e visitantes —, a roda de conversa se iniciou. Luitte Ornellas, presidente do Círculo Laranja, tomou a palavra para costurar os pontos daquela jornada e contextualizar aquele momento dentro da trajetória maior do projeto. Ela relembrou os passos anteriores, desenhando o mapa afetivo e político que o grupo vinha percorrendo: a licença pedida aos povos originários na Aldeia Marakanã, a imersão na resistência política e quilombola no Jacaré, e o mergulho na literatura suburbana de Lima Barreto e Carolina Maria de Jesus. Agora, o Círculo estava ali para reconhecer e valorizar a cultura de terreiro como pilar civilizatório.

¹ MARTINS, Adilson. *Lendas de Exu*. Rio de Janeiro: Pallas, 2011.

— E agora nós tamos aqui pra pedir licença aos povos de terreiro, para que o Círculo Laranja continue seguindo, contando essas histórias, dando luz e vida a esses povos tão importantes e que, na história de Exu, a gente percebe o quanto foram invisibilizados, o quanto foram silenciados, o quanto foram apagados. E essa revolução que Exu traz, é a nossa proposta com o dia de hoje — afirmou Luiette, com a voz embargada pela importância do ato.

Em sua fala, Luiette estabeleceu uma conexão direta, poética e potente entre a figura de Exu — o mensageiro, o que movimenta, o que limpa os caminhos — e a identidade dos trabalhadores que fundaram o Círculo. A metáfora não era apenas retórica; era uma reivindicação. — O Círculo, ele nasce da greve dos garis do Rio de Janeiro. E pra nós, os garis são os Exus da cidade. Eles fazem o trabalho preventivo, eles são os trabalhadores da cidade, eles limpam a cidade, eles permitem que a cidade seja melhor, mais democrática, mais sustentável e mais acolhedora. Os garis também são os trabalhadores da comunicação. Eles comunicam a cidade inteira. Da Zona Oeste à Zona Sul.

A comparação trouxe o orixá para o chão da cidade, para o cotidiano do trabalho, do suor e da limpeza urbana, despidendo-o de preconceitos e vestindo-o de cidadania. Exu, assim como o gari, é quem garante que a vida flua, que o lixo não se acumule, que os caminhos estejam abertos para o trânsito das pessoas e das ideias.

Mãe Kelly retomou a palavra, desta vez para contar a história da fundação daquele espaço. O TUCAL não é apenas um templo religioso; é uma construção coletiva, fruto de ruptura, esforço e fé absoluta. Ela narrou o momento doloroso de sua saída da casa anterior, onde imaginava envelhecer, e a decisão de fundar o próprio espaço, impulsionada pelo apoio incondicional de seus filhos de santo. — Eu não sei aonde eu vou, mas se eu tiver que tocar uma macumba

no meio da rua, eu toco, não tenho problema — lembrou ela sobre a determinação de manter o grupo unido e ativo.

A narrativa da aquisição do imóvel na Rua Miguel Fernandes revelou a face social e empreendedora do terreiro, muitas vezes desconhecida por quem olha de fora. Mãe Kelly contou sobre o financiamento bancário, a ajuda financeira dos médiuns, e o desejo primordial de transformar o espaço em uma ONG, a "Caminheiros da Luz", voltada para a assistência social e o combate à fome. A origem desse desejo, segundo ela, vinha de sua própria relação visceral com a alimentação. — Eu tenho uma sensibilidade muito grande com a fome. Porque eu sou Magali, adoro comer... A fome, a dor, ela tá em todo o tempo ao nosso lado. Mas existe um instante que ela clica — disse ela, narrando o episódio em que encontrou um senhor faminto na portaria de seu prédio e subiu para buscar toda a comida que tinha.

Nesse processo de construção material do terreiro, Mãe Kelly destacou o papel fundamental de sua Pombagira, Maria Mulambo, não apenas como entidade espiritual, mas como força motriz de realização, planejamento e abertura de caminhos financeiros. Foi Mulambo quem atraiu as pessoas, quem deu a segurança para assinar papéis de dívida que pareciam impagáveis e quem sustentou a egrégora enquanto as paredes eram levantadas. — Quem moveu tudo isso para acontecer o início, foi Dona Maria Mulambo das Sete Catacumbas... Quando eu cheguei aqui, que eu cheguei com a cara, a coragem e uma conta altíssima, quem trouxe todo um povo pra cá, foi Maria Mulambo. E quando aqui cantam que ela é rainha, que é a dona da casa, ela chegou, ela disse: "Eu nunca me senti tão importante na vida".

A literatura então assumiu o centro da roda, saindo da estante para ganhar corpo e voz. O livro *Lendas de Exu*, de Adilson Martins, não ficou apenas exposto; ele foi ativado. Jacob, voluntário do Círculo Laranja, levantou-se para realizar a leitura dramática de um dos contos

da obra: "Como Exu obrigou Orunmilá a fornecer comida". Sua performance trouxe para o presente a narrativa mítica, permitindo que todos visualisassem a astúcia, a fome e a reivindicação de justiça de Exu.

— "Exu, que não queria saber de trabalho, vivia pedindo de tudo a Orunmilá... Sempre sob a alegação que sentia muita fome e precisava se alimentar" — leu Jacob, com a entonação teatral, prendendo a atenção de todos.

A lenda narra o conflito entre Orunmilá, o senhor da adivinhação, que se cansou de sustentar Exu, considerando-o um "vadio", e a resposta estratégica do orixá. Exu não brigou, não gritou; ele simplesmente retirou-se para a encruzilhada e, em silêncio, trancou os caminhos. Ninguém mais chegava à casa do adivinho. A prosperidade cessou porque o fluxo foi interrompido. Foi Oxum, com sua sabedoria e curiosidade, quem desvendou o mistério e foi negociar com Exu. — "Continua, é? Mas enquanto não constar do alimento que sempre me deu, não permitirei que ninguém passe nessa encruzilhada em direção à sua casa" — sentenciou o malandro na voz de Jacob, arrancando risos.

A história serviu de metáfora perfeita para o tema do encontro e para a própria vida em sociedade: a reciprocidade é a lei maior. Ninguém caminha sozinho, ninguém prospera isolado, e ninguém passa pela encruzilhada sem respeitar e alimentar aquele que guarda o caminho. "Laroyê Exu!", finalizou Jacob, sob aplausos calorosos.

Célio Griô, que ouvia tudo atentamente, sentado com a postura de um aprendiz respeitoso, recebeu o microfone. Sua presença ali, vestindo tons de bege, sandálias franciscanas e seus colares senegaleses, marcava um momento de síntese pessoal e coletiva. Ele começou falando sobre o sentimento de estar ali. — Pra mim hoje estar aqui com vocês é um motivo de muito orgulho, sabe? O que eu estou vendo

aqui, Mãe Kelly, na verdade, é uma família — iniciou Célio, visivelmente tocado. — O espaço, com todas as dificuldades que a Mãe Kelly já colocou aqui, é um espaço muito bacana. Você já entra naquela porta, você já sente uma energia positiva. E eu senti essa energia positiva.

Célio abriu seu coração para compartilhar sua trajetória pessoal, marcada pela infância institucionalizada na FUNABEM e pela dolorosa distância de suas raízes familiares. Ele relembrou com emoção a figura de sua mãe, uma mulher negra, nordestina e analfabeta, e um episódio traumático que marcou sua visão sobre a religiosidade. Durante uma visita ao internato, sua mãe incorporou uma entidade, o que gerou chacota e bullying por parte das outras crianças, que o chamavam de "macumbeiro" como se fosse um insulto. — A partir dali, as crianças que viviam comigo lá, passaram a me encarnar. Me chamava de macumbeiro... Eu chorava muito, sabe? Porque a imagem que é passada sobre a questão do culto de religiões de matrizes africanas, é como se fosse uma coisa ruim. É isso que é passado pra nós.

Ele narrou sua busca ativa por identidade na vida adulta, o teste de DNA que confirmou sua origem africana e o reencontro cinematográfico com suas tias em Ricardo de Albuquerque. Foi numa noite de chuva, guiado por um estranho na rua, que ele encontrou a casa da família. Ao acordar na manhã seguinte e ir para o quintal, deparou-se com os ornamentos de Candomblé e, naquele instante, compreendeu a origem de sua própria atração inexplicável pelos tambores e pelas cores vibrantes.

Mas Célio foi além da memória afetiva; ele foi à pesquisa histórica. Como Griô, ele se preparou para falar de Exu desconstruindo o preconceito com dados e fatos. — E aí, o Círculo Laranja me dá a

oportunidade de vir aqui falar sobre Exu. Um desafio pra mim. Falei: "Exu? Quem é Exu?". Eu tenho que procurar saber quem é Exu.

Célio trouxe para a roda a teologia iorubá sobre a criação do mundo. Falou de Exu como o primeiro criado, aquele que acompanhou Oxalá na moldagem do ser humano a partir do barro e, por isso, conhece como ninguém a natureza humana. — E aí você percebe que o Exu, ele não é inimigo. Que o Exu, ele é o espelho. Ele nos mostra o que a gente carrega. Exu é justo. É aquele que equilibra a balança.

Ele aprofundou a análise trazendo informações históricas cruciais sobre a tradução da Bíblia para o iorubá feita pelo bispo Samuel Ajayi Crowther¹, um jovem africano ex-escravizado que, educado por missionários anglicanos, cometeu o erro histórico — ou a escolha teológica — de traduzir a palavra "Diabo" para "Exu", selando séculos de demonização de uma divindade que nada tem a ver com a dualidade cristã. — Aonde ele via escrito Deus, né, ele traduziu para Olorum. E quando ele via a palavra Diabo, ele traduziu para Exu. E aí, oficialmente, o Exu, ele ficou conhecido como se fosse o diabo. A inversão de valores, né?

Sua fala foi uma defesa apaixonada da cultura negra e da integridade de Exu como entidade de justiça, movimento e comunicação. Célio validou o terreiro como um espaço de resistência política e cultural, um quilombo urbano que preserva o que a diáspora tentou apagar. — Por que temos que negar quem nos cria? Por que temos que negar aqueles que nos dão energia e que nos mostram o caminho?

Camila, filha de Mãe Kelly, pedagoga e Mãe Pequena da casa, enriqueceu o debate trazendo a perspectiva interna e teológica do terreiro. Ela falou sobre a complexidade de Exu, que não cabe em

¹ Samuel Ajayi Crowther (1809–1891) foi o primeiro bispo anglicano negro da Nigéria. Capturado como escravo e posteriormente libertado, ele liderou a tradução da Bíblia para a língua iorubá.

definições simplistas de bem ou mal, e sobre a relação de intimidade e amizade que os praticantes desenvolvem com essa força. — Exu é o tempo, é o vento, é invisível... Exu é muito complexo, muito grande e acho que a gente enquanto médium e pessoa querendo conhecer Exu, acho que o primeiro passo é não definir, mas entender toda essa dualidade e complexidade — explicou Camila.

Ela também abordou a produção intelectual do terreiro, citando o livro de cartas para Exu organizado pela casa. A escrita dessas cartas funciona como uma forma de "assentamento" e compromisso, onde o médium dialoga com a entidade como quem fala com um amigo leal que aponta os erros para ajudar a consertar a rota. — Aquele que fala assim: "Caramba, você fez besteira, eu vou lá com você pra te ajudar a ver o que eu posso consertar". Ele é especial também por isso.

A discussão tocou na realidade dura da intolerância religiosa que cerca o terreiro no bairro do Cachambi. Camila relatou o assédio constante vindo de igrejas vizinhas, que depositam cartas e cópias manuscritas da Bíblia na caixa de correio do templo, numa tentativa de intimidar e converter. — Claramente que aqui é um centro de Umbanda. E como é que tem coragem de escrever à mão, páginas e páginas à mão, de cópias da Bíblia? Eu acho isso uma audácia, né? — indignou-se ela. — A gente acredita sim que a Umbanda é política e a gente precisa estender esse debate para fora do centro, buscar ocupar espaços, buscar ocupar pelos nossos direitos.

Como resposta cultural e afirmativa a esse ataque, surgiu uma proposta concreta e simbólica durante o evento: a instalação de uma unidade da Biblioteca de Rua Carolina Maria de Jesus na porta do TUCAL. A ideia era firmar a parceria entre o Círculo Laranja e o terreiro como um ato de resistência visível na rua, combatendo a intolerância com literatura e acesso à cultura. — Então queria fazer um convite... da gente ter aqui na porta uma segunda edição da Biblioteca

da Carolina de Jesus... como um agradecimento do encontro — propôs Camila, sendo aplaudida por responder ao ódio com livros.

O evento caminhou para o encerramento, não com o fim do diálogo, mas com a celebração da convivência e do alimento. A mesa de lanche, trazida e organizada pelo Círculo Laranja, aguardava os participantes. Era o momento de materializar o axé através da comida. — O alimento, ele é afeto, né, ele é memória, ele é conhecimento e é saúde também — lembrou Luiette, convocando todos a partilhar o pão, o bolo e o suco.

Célio Griô observou a cena com a satisfação de quem cumpriu mais uma etapa fundamental da jornada. O Círculo de Leitura havia passado pela aldeia, pelo Jacaré e agora pelo terreiro, tecendo uma rede de saberes que fortalecia a identidade do território e conectava as pontas soltas da história da cidade. A troca nutriu a alma e reafirmou que a cultura de matriz africana é pilar e futuro.

Agora, o movimento do Círculo exigia um retorno. A bagagem acumulada nesses encontros precisava ser levada de volta à base, ao espaço da educação formal, mas transformada pela vivência. A Escola Municipal República do Peru, parceira desde o início, abriria seus portões novamente. Mas desta vez, a sala de aula receberia uma visita especial para fechar um ciclo. A Aldeia Marakanã, que abriu os caminhos lá em abril, enviaria uma representante. Célio ajeitou seus colares, despediu-se dos amigos do TUCAL e saiu pronto para o movimento de volta que a vida e a educação exigem.

A resistência: Aldeia Marakanã com Célio Griô e Melissa Xakriabá

LOCAL: ESCOLA MUNICIPAL REPÚBLICA DO PERU
LIVRO: "CURUMINS ARTEIROS", DE MELISSA XAKRIABÁ



Capítulo 5

A resistência: Aldeia Marakanã

O tempo, na sabedoria dos povos originários, não é uma flecha disparada para um alvo futuro; é uma espiral que gira, retorna, recolhe o que ficou para trás e se expande em novos ciclos. Em agosto de 2025, o Círculo de Leitura materializou essa circularidade. Se no início da jornada, em abril, os estudantes cruzaram a cidade para pisar no solo sagrado da Aldeia Marakanã, agora era a Aldeia que se movia. A resistência saiu do antigo prédio do Museu do Índio¹, atravessou a geografia urbana e adentrou os portões da Escola Municipal República do Peru, no Grande Méier.

Não foi um retorno qualquer. Foi um movimento de retomada do conhecimento e de ocupação do espaço escolar. Mas, para que a semente da literatura indígena pudesse germinar naquele solo de concreto e carteiras enfileiradas, a terra precisava ser arada. O encontro desdobrou-se em uma cronologia de preparação e semeadura, começando na véspera da visita da escritora, quando a sala de aula transformou-se em uma ágora de debate sobre o chão que pisamos.

O Círculo de Leitura iniciou os trabalhos provocando os estudantes sobre o conceito de "território". Não o território frio dos mapas, demarcado por fronteiras artificiais, mas o território como espaço de poder, de vida, de conflito e de afeto. — No conceito de território, ele

¹ O antigo prédio do Museu do Índio (1953-1977) é um casarão do século XIX localizado ao lado do Estádio do Maracanã. Em 2006, foi ocupado por indígenas de diversas etnias, tornando-se um centro de resistência cultural e política conhecido como Aldeia Marakanã.

tem uma relação com poder — explicou a mediadora, preparando as mentes juvenis para a complexidade do tema. — Quando vem um processo, por exemplo, de colonização... muitas vezes, alguém de fora vem e fala assim, ó: "Esse pedaço é seu", "Esse pedaço é seu". E faz uma divisão que não respeita as pessoas que estão no território.

Os estudantes, atentos, já traziam na ponta da língua a correção histórica necessária: não se fala mais em descobrimento, fala-se em invasão. A partir dessa premissa, novos conceitos foram lançados ao ar: *aqilombamento e aldeamento urbano*. Era vital que aqueles jovens do subúrbio entendessem que a resistência indígena e negra não é uma peça de museu ou algo confinado à floresta amazônica ou ao passado colonial. Ela pulsa no meio da cidade, em apartamentos, em centros culturais, e ali, na própria escola.

Foi então que Célio Viana tomou a palavra. Sua presença naquele ambiente escolar tinha a gravidade de quem conhece o prédio, não apenas como visitante, mas como parte integrante de sua história. Ele estava vestido com a simplicidade de quem sabe quem é: blusa e calça bege, sandálias franciscanas e os inseparáveis colares e pulseiras senegaleses que marcam sua reconexão com a África.

— Eu fico muito feliz, sabe, de estar aqui junto com vocês, porque eu tive a felicidade de ter meus filhos estudando nessa escola. E eu também tive a oportunidade de estudar nesta escola — disse ele, estabelecendo imediatamente um laço de pertencimento. — Antes de vocês passarem aqui, já tiveram aqui várias outras pessoas. E essas pessoas que aqui passaram, talvez sejam avós de vocês, tias, mães... E vocês também, no futuro, vão ter esta mesma satisfação de falar: "Eu estudei na escola República do Peru".

Mas Célio não estava ali apenas para evocar a nostalgia. Ele estava ali, como Griô, para revelar as camadas invisíveis da história do trabalho no Rio de Janeiro. Ele trouxe para a roda a narrativa silenciada de sua

própria categoria, os gari, conectando-a umbilicalmente à história da escravidão. Ele desmistificou a palavra "gari", explicando que ela não designa apenas uma função, mas carrega o peso de um contrato imperial. — Gari, na verdade, ele é um sobrenome de um francês, Aleixo Gary¹, que fez o primeiro contrato com Dom João VI para fazer a limpeza da nossa cidade — ensinou Célio.

Com a crueza necessária para despertar a consciência crítica, ele descreveu os "tigres", os trabalhadores escravizados que, antes da existência de saneamento, carregavam os dejetos das famílias ricas em barris de madeira nas costas até o mar. — Muitas das vezes esses balaíos, eles furavam. E escorria fezes no corpo desses homens negros, dessas mulheres negras. Secava e formava umas tiras no corpo... que eles eram apelidados de "tigres", porque se formavam listras da urina.

O silêncio na sala tornou-se denso. A história do saneamento, contada por quem herdou essa luta, ganhava contornos de denúncia racial e social. Célio narrou a greve histórica de 2014, o momento de ruptura em que a invisibilidade foi rasgada pelo grito de dignidade, transformando o gari de em "Agente de Saúde Ambiental". — A partir dali, nós dizemos para a cidade: o gari, ele não é um sobrenome de francês... é ele que faz o trabalho preventivo para que a cidade não venha a ficar doente. Se não tiver o gari para fazer a limpeza da cidade, a cidade vai ficar totalmente suja.

Célio aproveitou o momento para politizar a questão do lixo, ou melhor, do resíduo. — Lixo... talvez seja 0,1%. Na verdade, o "lixo" que nós falamos que é lixo, não é lixo. É recurso. É dinheiro — afirmou, criticando o desperdício e a falta de investimento em reciclagem e saneamento nas áreas periféricas, em contraste com a Zona Sul. — Por

¹ Aleixo Gary foi um empresário francês que, em 1876, assinou contrato com o Ministério dos Negócios do Império para realizar a limpeza das ruas e praias do Rio de Janeiro.

que não há investimento igual ao que existe na Zona Sul? E aí a importância de você se sentir orgulhoso do território onde você vive.

Ele convocou os estudantes a serem donos de seu próprio território, a exigirem qualidade na merenda, na estrutura, na cultura. Lembrou que o Grande Méier não é apenas dormitório de mão de obra, mas berço de intelectuais como Lima Barreto e palco de lutas históricas como a de Olga Benário. — O protagonista da escola, desculpa, não é o professor, não é o diretor. O protagonista da escola são vocês, alunos — provocou Célio. — Se tivesse um filme, quem seria o ator principal daqui dessa escola? — Nós — responderam os estudantes, despertando para a própria potência. — Então sejam autores, os atores, as atrizes principais e faça a coisa acontecer.

Quando uma aluna perguntou sobre o simbolismo da cor laranja do uniforme, Célio respondeu com a poesia da sobrevivência: — A cor, ela é uma forma de identificar se você está escondido ou não. É fácil de observar. E também ela causa euforia. Entendeu? Anima.

No dia seguinte, o solo estava pronto. Quando Melissa Xakriabá cruzou os portões da Escola República do Peru, ela não encontrou um terreno estéril, mas mentes adubadas pela reflexão sobre identidade, poder e pertencimento. Melissa entrou na sala trazendo em seu corpo o mapa de suas andanças, alianças e resistências. Ela não vestia fantasias folclóricas; vestia a realidade contemporânea, complexa e vibrante de uma mulher indígena em contexto urbano.

— Eu sou uma mulher indígena. Eu tenho a pele ligeiramente bronzeada do sol do Rio de Janeiro... Tenho uma tiara de crochê. Tô usando uns anéis de tucum, que os defensores indígenas usam, uma pulseira também. Um colar de sementes, que foi feito pelo povo Pataxó. E um brinco de penas, né, plumária, feita pelo povo Guajajara.

Sua apresentação foi, de imediato, uma aula de diversidade que estilhou o estereótipo do "índio genérico" perpetuado pelos livros didáticos. — No Brasil, nós temos 305 povos... Eu sou da etnia Xakriabá, que é uma etnia de Minas Gerais... E 274 línguas faladas diferentes¹.

Melissa trouxe para a roda a sua realidade de mãe atípica, aprendendo Libras para contar histórias ao filho autista, e apresentou seu sinal na comunidade surda: um gesto que remete ao cabelo solto, cacheado e livre. — A pessoa que me deu o sinal... falou assim: "Não, tu é selvagem mesmo, você não penteia, não, cara"... E eu achei "selvagem" assim, essa, essa coisa do selvagem no sentido que a gente entende por selvagem, né? Livre. Deixa ele livre e ele vai para onde ele quer.

Ela abriu sua bolsa de saberes e começou a retirar objetos que carregavam histórias e territórios. Maracás de cabaça do povo Guajajara, maracás desenhados do povo Karajá, um bastão de reza trançado do povo Guarani. Cada objeto passado de mão em mão era uma prova tátil da pluralidade indígena. Mas o ponto central de sua fala, conectando-se diretamente com o que Célio havia introduzido no dia anterior, foi a relação com a terra.

— A gente ouve tanto aquela pergunta: "Ah, mas pra que tanta terra pra pouco índio?" — provocou Melissa, desconstruindo a lógica capitalista. — A terra, ela não é... a gente não encara a terra como um recurso a ser sugado... A terra é mãe. A terra é a nossa mãe. Aquela que nos gesta.

Ela explicou a cosmovisão que não separa humanos de animais, plantas e rios. Todos são "parentes". E, numa das lições mais profundas da tarde, desconstruiu a ideia europeia de tempo linear. — Essa ideia

de tempo linear é uma ideia europeia também... Porque o tempo, para nós, é um tempo cíclico. É um tempo em que os meus ancestrais estão aqui comigo no momento. Eles não tão lá no passado ou mortos... Mas estão aqui comigo nesse momento.

A discussão sobre identidade no contexto urbano foi dolorosa e necessária. Melissa relatou as violências cotidianas de ter sua identidade questionada por não corresponder à imagem caricata do indígena da Amazônia. Contou sobre o menino na escola que lhe perguntou se ela tinha "certeza absoluta" que era indígena, e sobre a luta burocrática para ser reconhecida como tal no sistema de saúde, onde insistem em classificá-la como "parda". — O apagamento é tão, tão profundo, que se a criança não me vê pintada... ele não consegue me enxergar enquanto indígena.

Mas a violência não é apenas simbólica; é física e territorial. Melissa trouxe para a sala de aula a realidade crua da Aldeia Marakanã, o aldeamento urbano que alguns alunos haviam visitado meses antes. Ela narrou o despejo brutal de 2013, quando o Estado usou aparato de guerra contra famílias desarmadas para "limpar" a área para a Copa do Mundo. — Vocês fazem ideia de quanto custa um armamento bélico? Eu também não, mas é caro pra caramba... E sai do bolso do povo esse dinheiro... Um armamento sonoro, que quando eles ligavam desorganizava... a gente ficava meio perdido com aquele som¹. E esse armamento foi usado pela primeira vez no Brasil contra a Aldeia Marakanã.

Ela mostrou o livro sobre a Aldeia, a memória de sua casa derrubada com tudo dentro. Mas, acima de tudo, mostrou a permanência. A Aldeia resiste.

¹ Em 2013, durante a desocupação da Aldeia Marakanã pelo Batalhão de Choque, foi utilizado o Dispositivo Acústico de Longo Alcance (LRAD), conhecido como "arma sônica", capaz de emitir sons ensurdecedores para dispersar multidões.

¹ Dados baseados no Censo IBGE 2010, frequentemente citados pelo movimento indígena para ilustrar a diversidade étnica e linguística do país.

Para aliviar a tensão da denúncia, mas sem perder a profundidade, Melissa convidou os alunos para o território da imaginação. Ela abriu seu livro, *Curumins Arteiros*¹, e sua voz assumiu o tom encantatório das contadoras de histórias. — "Numa tarde de sol, os curumins da Aldeia Mel de Iraí conversavam embaixo da árvore. Já haviam nadado no igarapé, brincado de jogar água uns nos outros..."

A sala, antes agitada pela energia adolescente, aquietou-se. Todos foram transportados para a floresta, acompanhando a aventura de sete curumins que, perdidos na mata ao anoitecer e com medo dos sons da noite e da onça pintada, subiram em uma árvore alta. A narrativa de Melissa, gestual e envolvente, descrevia o medo, a união e a magia. — "A noite caiu de vez. E a lua cheia, prateada e brilhante, iluminou o topo da árvore... A lua, vendo aquela aflição, teve pena das crianças. 'Não tenham medo, pequenos. Vocês agora fazem parte do céu.'"

A metamorfose das crianças em estrelas foi recebida com o silêncio respeitoso de quem entende que histórias são formas de explicar o mundo e aplacar o medo da escuridão. — "E assim, eles brincam para sempre no céu, sem tempo de acabar."

O momento de troca com os estudantes foi intenso e revelador. As perguntas surgiram, demonstrando uma curiosidade genuína e a quebra de preconceitos. Um aluno quis saber se ela falava a língua indígena. — Eu tive um processo de retomada tardio... Tô começando a aprender o Akwe Xakriabá... Aprendi a cantar várias músicas em Ze'eng-eté... — respondeu Melissa, mostrando que a cultura é viva e está em constante aprendizado.

Outro aluno perguntou sobre a descendência, e Melissa explicou que vem por parte de mãe, de uma avó nascida na aldeia e uma mãe que migrou para a cidade. A pergunta sobre o que é "despejo" permitiu que

ela explicasse a especulação imobiliária que ameaça a Aldeia Marakanã até hoje. E quando perguntaram sobre o significado de "curumim", a resposta foi simples e direta: — Curumim é criança. Em Tupi.

Uma estudante, Manuela, fez uma observação que sintetizou o aprendizado de todo o projeto Círculo de Leitura, conectando as pontas soltas da história brasileira: — Tipo, a maioria de nós, nossos bisavós ou nossos tataravós foram indígenas e africanos. — Aí foi um, uma pontuação importante, né? — celebrou Melissa, validando a percepção da aluna. — Nossos ancestrais foram indígenas e africanos.

As perguntas continuaram, abordando a origem dos povos indígenas no mundo e a possibilidade de registro do nome étnico. Melissa explicou a luta burocrática para ter o etnônimo reconhecido não como "nome social", mas como direito. Por fim, perguntaram sobre o simbolismo de seus acessórios. Melissa tocou em seu colar de sementes, um presente do povo Pataxó, e revelou sua camada mais profunda de resistência, uma história que misturava fogo e sobrevivência. — Esse cordão é um símbolo de resistência, porque ele resistiu a 2013. No início deste ano, o meu apartamento pegou fogo e esse cordão tá até chamuscado, mas ele resistiu... ele tá aqui comigo e eu levo, então ele é assim... é resistência brava mesmo, sabe?

O encontro na Escola República do Peru fechava um ciclo, mas abria portais. Os estudantes, que começaram ouvindo Célio falar sobre a liderança dos garis e a importância de ocupar o território, terminaram ouvindo Melissa falar sobre a resistência da memória e a transformação de crianças em estrelas. O corpo, o livro, a escola e a aldeia se fundiram numa coisa só: território de vida.

— Vocês foram semeados pelas palavras da Melissa, foram semeados ontem com as palavras que o Célio também trouxe aqui pra gente — disse a mediadora da equipe, encerrando o encontro.

¹ XAKRIABÁ, Melissa Coelho. *Curumins Arteiros*. 1. ed. Curitiba: Artêrinha, 2024.

Na hora da foto oficial, a formalidade foi abandonada. A hierarquia entre palestrante e alunos dissolveu-se. — É pra sair com a Melissa! Entendeu? É pra amassar a Melissa! — brincou a equipe. E os alunos, rindo e gritando, cercaram a escritora indígena, num abraço coletivo que misturava a juventude do subúrbio com a ancestralidade da terra, criando uma nova imagem de aldeamento urbano ali mesmo, na sala de aula.

A escola havia sido retomada. A Aldeia havia entrado. O Círculo havia girado. Mas a cidade do Rio de Janeiro é vasta e cheia de histórias que precisam ser contadas. Enquanto os estudantes voltavam para suas casas, levando na mente a imagem dos curumins que viraram estrelas, o projeto já apontava sua bússola para o próximo destino. A resistência indígena e a força do trabalho haviam sido plantadas no Méier. Agora, era necessário aprofundar as raízes dessa resistência no próprio chão onde o Círculo nasceu. O caminho levaria Célio de volta para casa, para a Sede do Círculo Laranja, onde o encontro com Haroldo César e Valdeci de Boaretto levantaria uma questão fundamental e inquietante: *Pode o subalterno falar?* Era hora de ouvir a resistência que vem da rua.

Resistência quilombola
com Célso Griô, Haroldo César e
Valdeci de Boaretto

LOCAL: CÍRCULO LARANJA
LIVRO: "PODE O SUBALTERNO FALAR?", DE GAYATRI
CHAKRAVORTY SPIVAK



Capítulo 6

Resistência quilombola

Em setembro de 2025, a jornada do Círculo de Leitura desembarcou na própria casa: a Sede do Círculo Laranja, no Cachambi. Desta vez, o espelho foi virado para dentro para encarar a própria história e responder a uma pergunta teórica com a prática da sobrevivência.

A tarde era quente, típica de um setembro carioca que antecipa o verão. O espaço estava vibrante, ocupado por estudantes que, horas antes, haviam enfrentado a maratona de um simulado e uma redação. O cansaço físico, porém, cedeu lugar à euforia de um dia de celebração múltipla. O Círculo Laranja é um quilombo urbano em constante construção e, naquele dia, suas paredes se expandiram para abrigar novas vozes e novos debates.

O centro gravitacional do encontro estava na mesa de debate. O livro escolhido para nortear a conversa não era ficção, mas uma provocação filosófica densa: *Pode o Subalterno Falar?*, da teórica indiana Gayatri Chakravorty Spivak¹. A obra questiona se as populações marginalizadas pelo colonialismo conseguem ter suas vozes ouvidas e validadas pelas estruturas de poder.

Para responder a Spivak, o Círculo não trouxe teóricos distantes da realidade. Trouxe três homens negros, garis, escritores e sobreviventes: Célio Griô, Haroldo César e Valdeci de Boaretto. A mediação coube a

¹ SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?*. Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa e André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

Luiette Ornellas, presidente e fundadora do Círculo Laranja.

Luiette abriu os trabalhos situando politicamente o Círculo Laranja. Ela lembrou que a organização luta por justiça social e coloca a classe trabalhadora no protagonismo, disputando espaços de poder que historicamente lhe foram negados. — A sociedade capitalista, é conduzida pela classe dominante. Inevitavelmente, a gente não vai mudar essa realidade se a gente não se colocar como classe dominante — afirmou ela, passando a palavra para a figura central daquela tarde.

Célio Griô assumiu o microfone com a autoridade de quem carrega no corpo as marcas da história que narra. Ele olhou para os estudantes do pré-vestibular e conectou imediatamente a teoria de Spivak à realidade da favela. — A gente está falando aqui desse livro "Pode o subalterno falar?"... A maioria de vocês aqui, que são alunos do nosso pré-vestibular, são oriundos de favela. São oriundos de comunidades. A minha mãe, ela também vem desse lugar — iniciou Célio.

Ele mergulhou em sua biografia para ilustrar o conceito de subalternidade. Falou da mãe, mulher negra, nordestina e analfabeta, que diante da impossibilidade de criá-lo enquanto trabalhava como doméstica, teve que deixá-lo na FUNABEM. Célio narrou os 15 anos vividos dentro da instituição, descrevendo um sistema de correção brutal. — Ali eu conheci o que que era palmatória, o que que era ficar de joelho no milho, o que que era ficar de cara na parede, o que que era ficar no cubículo com água, o que que era levar muita porrada. Eu vi muitas coisas. Mas eu sobrevivi.

A sobrevivência de Célio não é apenas física, é mental e política. Ele lembrou dos companheiros de infância que morreram ou que hoje perambulam pelas ruas do Rio, vítimas do sofrimento mental e da opressão. — Às vezes eu fico pensando: "Caramba, eu ainda estou aqui, pensando, falando... Eu poderia estar perambulando sem destino".

Ao falar de sua profissão, Célio elevou o tom da denúncia. Ele descreveu a Comlurb não apenas como uma empresa, mas como um campo de batalha onde o trabalhador luta por dignidade. — Tive a honra e o prazer de trabalhar na maior companhia de limpeza urbana da América Latina... Mas mesmo assim, peca no que se trata da valorização do seu maior patrimônio... Peca na distribuição dos equipamentos de proteção individual.

Célio foi o fio condutor que amarrrou o passado escravocrata ao presente trabalhista. Ele explicou aos jovens a origem do termo "gari" — sobrenome do francês Aleixo Gary — e a realidade dos "tigres", escravizados que carregavam dejetos. Para ele, a pergunta do livro tinha uma resposta clara e combativa: — Enfim, pode o subalterno falar? Lógico que pode. E deve.

Ele então abriu espaço para seus companheiros de mesa, validando suas narrativas como literatura legítima. Valdecir de Boaretto, gari há 28 anos e autor do livro *Comportamento que te salva*¹, trouxe um relato visceral sobre o silenciamento e a saúde mental. — Eu confesso a vocês, tenho 28 anos de empresa, e eu sempre queria falar, sempre queria arrumar um jeito... E eu comecei a ficar triste, sabe? Com depressão.

Valdecir contou como a pandemia e a visão dos caminhões de corpos o afetaram profundamente, levando-o a vender sua casa e morar isolado. Mas foi ao narrar os conflitos hierárquicos que a plateia sentiu o peso da caneta na mão de quem varre. Ele descreveu o episódio em que foi punido por um gerente por ter dado água a um trabalhador que precisava limpar peixe. Diante da ameaça física e moral de um superior que bateu com um cabo de enxada na mesa, Valdecir usou a inteligência emocional como escudo. — "Você quer os três dias de suspensão ou você quer as três pauladas nas mãos?"... Eu falei para ele assim: "Olha,

fulano... eu gostaria das três pauladas nas mãos".

A escrita, para Valdecir, foi a ferramenta encontrada para furar o bloqueio do silenciamento. — Pode o subalterno falar? Pode. E eu estou conseguindo através da escrita. De repente, se eu fosse com a voz, de repente me cortavam.

Em seguida, Haroldo César tomou a palavra. Com 40 anos de Comlurb, sambista e cineasta, ele trouxe a perspectiva da evolução histórica da profissão e a disputa pela linguagem. — Eu entrei no primeiro concurso de 1985... A gente chamava de lixeiro, né, quando a pronúncia é gari... O gari, ele não trabalha com o lixo, ele trabalha com a limpeza. Né? É bom a gente entender essa fala.

Haroldo falou sobre seus livros, como *Vida de Gari*¹ e *Limpeza Urbana, Limpeza Humana*², e sobre seus filmes independentes. Ele reforçou a igualdade fundamental entre todas as profissões, desmontando a hierarquia que tenta colocar o trabalhador braçal em posição inferior. — "Pode o subalterno falar?". Não, ele tem que falar. Porque ele está diretamente ligado àquele propósito. Então ele conhece muito mais.

Célio retomou a palavra para reforçar a importância de valorizar esses escritores periféricos. Ele lembrou que a luta não é apenas por salário, mas pelo reconhecimento intelectual. — A gente tem que estar mais atento a essas pessoas, como Haroldo, como Valdecir... Dois escritores, periféricos, negros, escritores suburbanos. Luitte sintetizou a potência daquelas narrativas, destacando que o Círculo Laranja não é apenas uma ONG, mas uma estrutura de poder da classe trabalhadora que disputa a narrativa da cidade. Ela explicou a luta política para

¹ CÉSAR, Haroldo. *Vida de Gari: crônicas*. Rio de Janeiro: Edição do Autor, 2015.

² CÉSAR, Haroldo. *Limpeza urbana, limpeza humana*. Rio de Janeiro: Edição do Autor, 2018.

¹ BOARETTO, Valdecir de. *Comportamento que te salva: inteligência emocional, resiliência e empatia na vida prática*. Rio de Janeiro: Edição do Autor, 2023.

mudar a nomenclatura oficial da categoria, um desejo que nasceu de um almoço com os gari na sede do Círculo. — Por que que o Círculo Laranja diz que gari precisa ser um nome retirado?... Porque gari é sobrenome de um francês. Aleixo Gary... E tá na hora da gente escrever uma página da história... Nós fizemos umas 400 camisas: "Agente de Saúde Ambiental". E acabou em uma semana.

O evento também foi marcado pela inauguração da quarta biblioteca da instituição, batizada com o nome de uma gigante: Biblioteca Carolina Maria de Jesus. Diferente da estante aberta e autogerenciável que já existia na entrada — a Biblioteca de Rua Carolina Maria de Jesus, que fez circular mais de 22 mil livros —, este novo acervo interno foi desenhado para ser um útero de formação. Pensada para fortalecer encontros e diálogos, a biblioteca nasceu com um foco especial em Educação para as Relações Étnico-Raciais (ERE), conectando leitura à justiça social. Para celebrar esse nascimento, o espaço foi batizado com a magia da contação de histórias: *Kofi e o menino de fogo*¹, de Nei Lopes e Hélène Moreau, ganhou vida na voz da professora Larissa Lima e de estudantes extensionistas do projeto Pé de Literatura, lembrando que a palavra falada é a mãe da palavra escrita.

Quando a roda abriu para perguntas, um participante quis saber sobre o processo de escrita. — Eu começo a escrever quando eu já tenho a ideia, né, a espinha dorsal da história e principalmente o final. Porque o final tem que ser apoteótico — respondeu Haroldo. Valdeci completou, revelando que sua inspiração vem da observação constante do cotidiano, no trem, no ônibus, e que gosta de escrever "dentro do banheiro" quando chega em casa.

Célio, sempre provocador e atento às conexões, perguntou aos colegas quem eram suas inspirações literárias. Valdeci citou Carolina Maria de Jesus, fechando um ciclo com os capítulos anteriores do livro e reafirmando a ancestralidade literária da favela. — A Carolina Maria de Jesus, marcou muito a minha história... Ela me inspira muito pelo seu desempenho e pelo sofrimento que ela passou. Haroldo citou Conceição Evaristo e suas "escrevivências", termo que define perfeitamente o que aqueles homens fazem: escrevem a vida que vivem.

Célio encerrou sua participação lembrando que a valorização do escritor periférico passa pela compra de sua obra, ajudando a sustentar a arte e a vida. — Se nós pudermos aqui ajudarmos, a colaborar, comprar o livro desses companheiros e adquirir um autógrafo e valorizar os nossos escritores suburbanos, periféricos, eu vou ficar muito feliz.

O encontro terminou com a certeza de que a voz subalternizada, quando se organiza em quilombo, torna-se um grito de liberdade. O Círculo de Leitura provou, na prática, que aqueles que limpam a cidade são também os que a escrevem, a filmam e a constroem todos os dias.

Mas a cidade do Rio de Janeiro é um livro infinito, e cada bairro guarda seus próprios encantamentos. Em outubro, mês das crianças, o Círculo de Leitura preparava-se para cruzar a linha do trem novamente, rumo ao Engenho de Dentro. Lá, na moderna Nave do Conhecimento do Engenho, Célio Griô encontraria o escritor Flávio Braga para um encontro especial voltado para a infância. A proposta era descobrir que, mesmo na correria da cidade, existem histórias encantadas. O território não é apenas luta; é também lugar de encantamento e imaginação.

¹ LOPES, Nei; MOREAU, Hélène. *Kofi e o menino de fogo*. Rio de Janeiro: Pallas, 2020.



Histórias encantadas de onde eu venho *com Célso Griô e Flávio Braga*

LOCAL: NAVE DO CONHECIMENTO DO ENGENHÃO
LIVRO: "LÁ DE ONDE EU VENHO", DE FLÁVIO BRAGA

Capítulo 7

Histórias encantadas de onde eu venho

Em outubro de 2025, o Círculo de Leitura movimentou-se em direção a um horizonte de possibilidades. A jornada desembarcou na Nave do Conhecimento do Engenhão¹, uma estrutura moderna pousada no meio do Engenho de Dentro, vizinha ao estádio que monumentaliza o subúrbio. Se nos capítulos anteriores o alicerce foi construído sobre a ancestralidade, neste mês das crianças a bússola apontou para o futuro.

A tarde começou com uma energia diferente. Não havia o silêncio compenetrado dos adultos, mas a algazarra de quem está descobrindo o mundo. O espaço foi ocupado por crianças vindas de diferentes partes do território, trazidas pela parceria com instituições como o CRAS Sobral Pinto e a Casa Taiguara. Antes mesmo da roda de conversa se formar, os pequenos protagonistas foram guiados por uma visita à Nave, onde telas digitais e luzes de LED disputavam a atenção com o brilho nos olhos de cada um. Mas a proposta do Círculo Laranja era subverter a lógica: mostrar que, em meio à alta tecnologia, a ferramenta mais poderosa de viagem no tempo e no espaço ainda é o livro.

O cenário estava montado para despertar memórias. Fotos de brincadeiras de rua — pipas no céu, corridas descalças, jogos de bola — decoravam o ambiente, servindo de espelho para as vivências daquela

garotada. O livro que guiava o encontro, *Lá de Onde Eu Venho*¹, de Flávio Braga, repousava nas mãos da equipe como um mapa do tesouro suburbano. — Nós estamos aqui num lugar especial, que é a Nave do Conhecimento, que é um lugar de a gente pensar também a tecnologia e saber que a leitura, o livro, também é uma tecnologia. — explicou a mediadora, validando o objeto livro naquele ambiente digital.

Para conduzir essa viagem pelas memórias e afetos, a mesa foi composta por dois gigantes que compartilham a origem e o orgulho do chão que pisam. De um lado, Flávio Braga, escritor, professor de história e cronista das esquinas do subúrbio. Do outro, Célio Griô, com sua sabedoria de quem lê a cidade com os pés e com o coração. A mediação ficou a cargo de Vitória, uma jovem professora que costurou o diálogo entre as gerações.

Vitória apresentou Flávio com uma pitada de humor, chamando-o de "rebelde sem calças", uma referência a uma piada interna que arrancou risadas imediatas da plateia infantil. — Ihhh! — reagiram as crianças, curiosas com a quebra de protocolo. — Mas hoje ele tá de calças, né? Tá frio — brincou Vitória, introduzindo o autor que alimenta semanalmente o blog "Um blog de nada" e que transformou as memórias de Quintino em literatura.

Ao apresentar Célio, a reação foi de reconhecimento imediato e afetuoso. A figura do gari não era abstrata para aquelas crianças; era parte da paisagem afetiva e protetora delas. — Todo mundo sabe quem é o Gari? — perguntou a mediadora. — Eu sei! Ele limpa a nossa escola e a nossa rua — respondeu prontamente uma criança. — Ele tira o lixo da rua.

¹ As Naves do Conhecimento são espaços comunitários digitais criados pela Prefeitura do Rio de Janeiro para democratizar o acesso à tecnologia, à inovação e à cultura em áreas da Zona Norte e Oeste da cidade.

¹ BRAGA, Flávio. *Lá de onde venho: Sobre pipas, correrias e o carro das delícias*. Rio de Janeiro: Caminhos Editora, 2022.

A primeira provocação lançada aos convidados foi sobre a identidade: o que significa ser suburbano? Flávio Braga, com seus dreads e roupa branca, assumiu o microfone e, com a didática de quem ama a sala de aula, traduziu a geografia social para a linguagem da infância. — Gente, vocês já escutaram essa palavra? "Suburbano"? Alguém já escutou? — perguntou ele. Diante da dúvida da plateia, Flávio explicou que ser suburbano tem relação com o lugar, com estar nos arredores do centro, mas também com o preconceito que muitas vezes recai sobre quem vive ali. — Infelizmente, muitas vezes, quando a gente vai pra esses lugares... nós somos vistos de uma forma um pouco estranha, né? De repente pela forma da gente se vestir, da forma da gente falar... Então, quando eu pego e eu transformo em arte, no caso um livro, as experiências de uma pessoa suburbana, eu na verdade eu tô tentando fazer o quê? Eu tô tentando fazer com que as pessoas olhem essa experiência de uma maneira positiva.

Flávio falou sobre a importância de se sentir visto e valorizado, de entender que as brincadeiras, as gírias e o modo de vida do subúrbio são matéria de poesia e não de vergonha. — O meu primeiro livro, ele precisa ser com base nessa experiência... Pra justamente dizer pra outras pessoas que tão nesse espaço... que as coisas que nós fazemos também são valiosas.

Então, foi a vez de Célio Griô. Ele olhou para a plateia não com a condescendência que os adultos às vezes reservam às crianças, mas com reverência genuína. — Eu confesso que quando eu fui convidado pra dividir essa mesa aqui com o Flávio Braga, eu fiquei assim apaixonado, sabe? — começou Célio. — Eu já conversei com esses políticos famosos... Mas eu vou falar com pessoas muito mais importantes... Eu vou conversar com o futuro do nosso Brasil. Então pra mim, hoje aqui, eu estou conversando não é com crianças. Eu estou conversando com gigantes.

Célio transformou o auditório em um quilombo de afeto. Ele perguntou quem ali se considerava negro, validando a identidade racial desde a infância. E foi surpreendido pela sabedoria de um menino chamado Federico, que interveio para contar sobre sua própria genealogia. — Você disse que falou com políticos famosos. Meu tataratarataravô é um político muito famoso da Argentina. Muito. — disse o menino, com a seriedade dos pesquisadores. Célio acolheu a fala e ampliou o sentido de ancestralidade para todas as crianças negras presentes, conectando-as a um passado de glória e ciência. — Vocês sabiam... Federico, ele tem um parente que é político. E vocês, negras e negros, têm parentes que foram Reis! Rainhas! Príncipes! — celebrou Célio.

A conversa então migrou para o terreno lúdico, o verdadeiro idioma da infância. Célio evocou as brincadeiras de seu tempo, um tempo sem celular, onde a tecnologia era o corpo e a rua. — Quem daqui, de vocês aqui, já brincou de carniça? Já brincaram de queimadinho? Quem já brincou de bola de gude? Peteca? Quem já fez comidinha de brincadeira com capim? — Eu! Capim, barro, lama... — respondeu uma menina, confirmando que a essência do brincar atravessa gerações e que a terra ainda é o brinquedo favorito.

Célio narrou a engenharia das bolas de meia e a tensão dos jogos de rua, onde a bola que caía no quintal da vizinha podia nunca mais voltar. — A vizinha não queria devolver a bola. Ou o cachorro mordia. — O cachorro furava! — completou uma criança, rindo da desgraça compartilhada que une as infâncias do subúrbio.

Flávio Braga entrou na conversa trazendo a memória das pipas, o brinquedo que desafia a gravidade e une o chão ao céu. Ele falou sobre a fragilidade do papel de seda e a gambiarra necessária para consertá-lo. — Mas aquele papel da pipa, ele é muito frágil, né? Aí quando rasga, o que que vocês fazem? — Cola! Passa fita! O negócio do creme! Pega

baba e bota! — gritaram as crianças, oferecendo soluções criativas. — Sabe como é que a gente fazia? Pegava e amassava, eh... arroz — revelou Flávio, ensinando uma tecnologia ancestral de cola caseira.

O escritor contou sobre sua infância, onde não era bom em soltar pipa, mas era mestre em construí-las, usando até jornal e varetas doadas por um vizinho. Falou sobre o futebol na rua, jogado descalço com o chinelo servindo de trave, e a regra universal de parar o jogo quando passava um carro ou uma senhora com compras. Mas a história que mais encantou foi a do "Toró". — Lá perto da, da rua que eu morava, tinha um rapaz que ele tinha um, que ele tem o apelido de Toró. Alguém sabe o que é um toró? — É tipo um... é um frio? — Não. É uma chuva, mas é uma chuva muito forte... Porque ele jogava tanta bola que o pessoal falava assim: "Cara, você joga tanta bola que você faz chover".

A metáfora do jogador que fazia chover com seu talento capturou a imaginação das crianças. Flávio mostrou que os heróis do subúrbio não usam capa; eles usam a camisa do time do bairro e fazem mágica no asfalto quente.

O diálogo sobre a leitura foi introduzido com a mesma leveza e acessibilidade. Flávio comparou o ato de ler a ir à academia, desmistificando a dificuldade inicial. — Você já vai começar com, tentando levantar cem quilos? Óbvio que não, né. Só maluco vai fazer isso... Ler é a mesma coisa. Você vai começar aos poucos... É um exercício. E é uma prática. Uma criança, querendo mostrar sua força, interrompeu com inocência e vigor: — Eu levanto quatro sacos de arroz! Vinte e seis quilos! — Tu é forte hein meu irmão? Caraca, desculpa. Rapaz... Eita — brincou Flávio, validando a força física do menino para, em seguida, validar a força intelectual necessária para ler.

Célio Griô retomou a palavra para deixar sua mensagem final, conectando o sonho de infância à realidade adulta. Ele lembrou que o

tempo passa e que aquele momento era único. E falou sobre o orgulho de sua profissão, combatendo qualquer estigma que a sociedade tente impor. — Quando criança eu queria ser Gari. Eu queria ser Gari. Muitos colegas meus queriam ser motorista, jogador de futebol. Eu falei: "Não, eu quero ser Gari". Porque é uma profissão importante. É uma profissão no qual devolve saúde à população. Uma criança, tocada pela fala e reconhecendo a humanidade no trabalhador, compartilhou sua própria experiência de generosidade: — Tio, tinha um Gari aí... e aí ele tava limpando a rua e depois a minha mãe foi lá e deu café pra ele e água e pão. — Olha, tá vendo? — emocionou-se Célio. — Muitas das vezes quem salva os garis nas ruas são os moradores.

Célio aproveitou o momento para fazer a chamada, perguntando o nome de cada criança, um a um. Ao nomear cada um, ele conferiu existência, importância e individualidade a todos naquele coletivo. — Nós somos o quê? Pessoas. Somos gente. E nós podemos transformar esse mundo num mundo melhor para todos nós.

Flávio Braga encerrou sua participação com um apelo ao sonho, lembrando que ele, um menino preto e pobre, tornou-se professor de história e escritor. — Não desistam de sonhar. Sonhem. Permitam-se sonhar. Tudo é possível. Até nos momentos em que as pessoas falarem assim: "Você não pode fazer isso, porque você é pequeno... porque você é branco, porque você é preto, porque você é pobre". Não importa. Você precisa ir e acreditar em você.

Mas as crianças, com sua inteligência afiada e sem filtros, não deixaram o debate terminar sem questionamentos práticos sobre o mundo. Um menino levantou uma questão ambiental complexa, mostrando que a consciência ecológica já habita os novos curumins da cidade: — Tio, mas o Gari trabalha na rua e os carros ficam com, com o cano na rua e poluem o ar. A camada de ozônio. É a mesma coisa que jogar lixo. É o

problema da humanidade. A observação arrancou aplausos e mostrou que aquela geração está atenta aos problemas globais, mesmo vivendo a realidade local.

Para fechar o encontro com a chave de ouro, Luiette Ornellas, presidente do Círculo Laranja, tomou a palavra. Ela estava ali não apenas como gestora, mas como alguém que entende que a felicidade da infância é um direito a ser protegido com unhas e dentes. — Ser criança é tão bom e maravilhoso porque a gente sempre sabe como ser feliz. E eu, Lu, espero que vocês guardem lá dentrinho de vocês o lado bom de ser criança sempre.

Após a foto oficial, onde todos se amontoaram num abraço coletivo e caótico, a celebração se deslocou para a mesa do lanche. Biscoitos, bolos, sucos e doces esperavam por eles. A Nave do Conhecimento, com toda a sua tecnologia, serviu de palco para a tecnologia mais antiga e eficaz de todas: o encontro humano mediado por histórias e comida.

As crianças partiram, levando no estômago o doce e na mente a certeza de que suas vidas no subúrbio são matéria de livro. Célio Griô despediu-se daquele universo de encanto, sabendo que a semente havia sido plantada, mas a jornada do Círculo de Leitura estava chegando à sua reta final. O Círculo preparava-se para caminhar sobre as pedras que viram a chegada e a dor, mas também o samba e a resistência. Em novembro, o destino seria a Pequena África. Lá, Célio Griô e Rosana Fonseca caminhariam pelas páginas de *O Crime do Cais do Valongo*, de Eliana Alves Cruz, para um reencontro definitivo com a ancestralidade. O último capítulo de 2025 estava prestes a ser escrito nas pedras pisadas pelos que vieram antes.

Memórias da Pequena África com Cêlio Griô e Rosana Fonseca

LOCAL: PEQUENA ÁFRICA

LIVRO: "O CRIME DO CAIS DO VALONGO", DE ELIANA ALVES CRUZ



Capítulo 8

Memórias da Pequena África

Novembro de 2025 chegou trazendo o peso histórico e a luz necessária da Consciência Negra. A jornada do Círculo de Leitura, que começou pedindo licença à terra indígena, atravessou a resistência quilombola e percorreu os caminhos do subúrbio, preparava-se para o seu ato final. Mas não era um encerramento comum. Para fechar o ano, o projeto não escolheu um auditório ou uma sala fechada. Escolheu caminhar sobre as cicatrizes expostas da história do Brasil, no lugar onde o mar encontrou a dor, mas através da resistência, transformou-se em samba, cultura e vida.

A manhã começou com uma movimentação intensa na sede do Círculo Laranja, no Cachambi. Dois ônibus aguardavam para transportar estudantes do pré-vestibular, voluntários e parceiros de caminhada. Era uma caravana que saía da Zona Norte para um reencontro com a origem. O trajeto foi realizado em parceria com o Rolé ZN, outro projeto fundamental do Círculo Laranja, que entende que a cidade precisa ser lida com os pés, caminhando, ocupando e ressignificando as ruas.

O ponto de encontro foi a Praça Mauá, um espaço de contrastes gritantes. De um lado, a arquitetura futurista do Museu do Amanhã e a onda de concreto do Museu de Arte do Rio (MAR); do outro, a memória soterrada de séculos de escravidão. O MAR, com sua estrutura que une o palacete histórico à marquise moderna, serviu como o portal de entrada para a discussão sobre como o Rio de Janeiro conta — e esconde — a sua própria história.

Ali, diante da Baía de Guanabara, Célio Viana tomou a palavra. Ele usava chapéu e roupa bege, vestindo-se como um peregrino consciente de que pisava em solo que exige reverência. — Bom dia a todas e todos. Eu tive o prazer de caminhar com a companheira aqui, nesse espaço, pra conhecer o território. E junto com vocês, eu também vou aprender. A entender a história deste local. E nós vamos passear neste território que, no meu ponto de vista, ele é sagrado.

A condução do passeio foi compartilhada com Rosana Fonseca, guia de turismo voluntária do Círculo, que iniciou os trabalhos situando o grupo geograficamente e historicamente. — A gente aqui vai fazer o tour orientado... por esse circuito aqui, que vai desde o Largo da Prainha até o Lazareto... Cais do Valongo, Quartel da Guarda, Praça dos Estivadores, Revolta da Vacina.

A primeira parada significativa ocorreu ainda nos arredores da praça, diante do imponente e decadente Edifício A Noite. Rosana lembrou que aquele foi o primeiro arranha-céu da América Latina, sede da Rádio Nacional e do jornal *A Noite*. — O nome realmente do edifício A Noite é Edifício Joseph Gire. Aquele que tá lá, ó — apontou ela. A memória musical, que brota das pedras do Rio, foi evocada. Ana, uma das participantes, puxou o coro de "Sassaricando", marchinha que marcou época, e o grupo cantou junto, celebrando a boemia que também faz parte da resistência cultural da região.

Mas foi ao caminhar em direção ao Museu do Amanhã que o sentido profundo do passeio se revelou. Ali, diante da estrutura que projeta o futuro, Célio Griô parou para falar do passado que não passa. Ele mostrou a tatuagem em seu braço, um desenho que não por acaso é também a marca do próprio projeto Círculo de Leitura. — Eu carrego comigo aqui uma tatuagem. O símbolo do Sankofa. Tá aqui. Esse símbolo é um símbolo africano. Ele diz o seguinte: que precisamos olhar para trás, para ressignificar o futuro. A modernidade, ela é muito

boa quando ela acontece nos centros da cidade... Mas nós queremos que a modernidade também chegue na Zona Norte.

Sankofa¹. Um símbolo Adinkra dos povos Akan, da África Ocidental, representado por um pássaro com a cabeça virada para trás, buscando no passado o ovo que carrega nas costas — a semente do futuro. Aquele foi o momento de epifania. O Círculo de Leitura, ao adotar o Sankofa como símbolo, propôs exatamente isso: não adianta olhar para o "Amanhã" se não tivermos a sabedoria de voltar para buscar o conhecimento ancestral do "Ontem". Célio lembrou dos navios negreiros, os "tumbeiros", que cruzaram aquelas águas da Baía. — Por que tumbeiro? Porque ele parecia um caixão.

O livro que guiava este último passo era *O Crime do Cais do Valongo*², de Eliana Alves Cruz. Uma obra que, assim como o próprio Célio, recusa o silenciamento. O romance histórico é um *thriller* ambientado no Rio de Janeiro do início do século XIX, exatamente nas ruas que o grupo percorria. A autora dá vida a Muana e Nuno, personagens que poderiam ter sido ancestrais de qualquer um ali presente. Enquanto o grupo caminhava, a trama do livro se sobrepunha à realidade. O "crime" do título não é apenas o mistério policial que envolve a narrativa, mas o crime maior, o crime de lesa-humanidade que foi a escravidão. Eliana Alves Cruz, através da ficção, devolve a humanidade, a complexidade e a voz àqueles que foram reduzidos a mercadoria nos livros de história oficiais.

O grupo seguiu para o Largo de São Francisco da Prainha. Rosana chamou a atenção para o mural do projeto Negro Muro, uma pintura imensa em homenagem a Conceição Evaristo. A literatura se materializava na parede, lembrando a obra *A Hora da Estrela*, de

¹ Símbolo Adinkra dos povos Akan (África Ocidental) que representa o aprendizado com o passado para construir o futuro.

² CRUZ, Eliana Alves. *O Crime do Cais do Valongo*. Rio de Janeiro: Malê, 2018.

Clarice Lispector, mas ressignificada pela ótica da "escrivência". — Ela faz uma alusão à obra da "Macabéa, Flor de Mulungu"... Ela caracteriza sempre as narrativas dela dando ênfase à negritude, à ancestralidade — explicou Rosana.

Ali perto, Célio, sempre atento às conexões populares e à história da sobrevivência, apontou para o restaurante Angu do Gomes. Ele explicou que aquilo não era apenas gastronomia; era a memória dos "zungus", casas de comida e acolhimento para a população negra. — Naquela época da colonização... essas casas de Zungus, era um local onde os escravos que vinham pra cá, e os ex-escravos e seus descendentes, por falta de alimento, aqui encontravam solidariedade. Aqui encontravam afeto.

A caminhada avançou para o coração da Pequena África¹: a Pedra do Sal. O monumento histórico, conhecido hoje pelas rodas de samba e pela celebração, foi apresentado em sua crueza original. Célio explicou a origem do nome e a dura realidade do trabalho na estiva. — Por que Pedra do Sal? Aqui, ele foi um local, um espaço de desembarque e comercialização do sal. E aqui, os negros escravizados, eles subiam esta pedra. E muitos também se acidentavam. Escorregavam, caíam, se machucavam. E os próprios negros daquela época confeccionaram essas escadinhas para evitar de se acidentarem.

O grupo parou em um ponto estratégico onde a história da matriarca do samba, Tia Ciata, ecoava. Foi ali que uma jovem estudante do pré-vestibular do Círculo Laranja tomou a frente. Com a voz firme de quem reconhece sua herança, ela recitou um poema narrando a saga de Hilária Batista de Almeida. — "Apesar da repressão que o candomblé sofria, no seu rico tabuleiro ela fez como queria. E honrou seus orixás

¹ Termo cunhado pelo sambista e pintor Heitor dos Prazeres para designar a região da Zona Portuária do Rio de Janeiro habitada majoritariamente por negros e palco de intensa atividade cultural e religiosa.

nos quitutes que vendia" — declamou a jovem. O poema lembrou como Ciata, mãe de santo e quituteira, curou a ferida na perna do presidente Venceslau Brás e, em troca, pediu apenas que seu marido conseguisse um emprego e que o samba não fosse mais perseguido pela polícia. A leitura emocionou a todos, conectando a literatura oral à história política do Rio.

Ao avistarem o Morro da Providência, a primeira favela do Brasil, Célio deu uma aula sobre a origem desse tipo de moradia, conectando o Rio de Janeiro ao sertão da Bahia. — Favela, na verdade, é o nome de uma planta, de uma árvore. Uma árvore que geralmente nasce no sertão — explicou. Ele narrou a Guerra de Canudos, a resistência de Antônio Conselheiro e a promessa não cumprida do governo aos soldados que voltaram da guerra e ocuparam o morro carioca. — Para muitos, hoje se chama de comunidade. Pra mim continua sendo favela. Porque pra mim, comunidade é quando você adquire o seu título de propriedade.

Depois de muita caminhada, finalmente, o grupo chegou ao epicentro da memória: o Cais do Valongo¹. O sítio arqueológico, Patrimônio Mundial da Unesco, estava ali, exposto como uma ferida aberta e necessária. As pedras pisadas por mais de um milhão de africanos escravizados emanavam uma energia densa e solene. Foi impossível não lembrar das descrições do livro *O Crime do Cais do Valongo*.

Célio Griô retomou a fala, conectando o local à Praça XV, onde o passeio começou, explicando a lógica perversa que transferiu o mercado de escravos do centro para o Valongo para não "incomodar" a elite. — A elite que ali morava, ela já começou a ficar perturbada de ver tantos homens e mulheres nus, semi mortos e mortos passando ali pelo Largo do Paço... E esse local se dá o nome de Valongo.

¹ O Cais do Valongo recebeu o título de Patrimônio Mundial da UNESCO em 2017, sendo reconhecido como local de memória sensível da diáspora africana.

E o que significa Valongo? Um vale. Um vale longo.

Ali, diante das pedras que testemunharam a chegada de reis, rainhas, guerreiros e griôs transformados em peças de venda, Célio fez a síntese de todo o projeto. — Aqui, onde nós estamos pisando hoje, nesse momento agora... No meu ponto de vista, é um local sagrado. Porque aqui, nesse solo, tem muito suor, sangue, dor, sofrimento, perdas... e muita porrada. Mas toda vez que você pisar aqui, lembre-se: que nós somos frutos desses que aqui pisaram. Porque não queriam estar aqui. Vieram forçados. E nós somos frutos deles.

O retorno para a sede do Círculo Laranja, foi um retorno de quem finalmente se encontra. Conhecer a própria história, ver as pedras onde seus ancestrais pisaram, não é um fardo; é a chave da liberdade. Ao chegarem à sede, a celebração da vida tomou conta. Novembro não é apenas o mês da Consciência Negra; é também o mês do aniversário de Célio Viana. A equipe do Círculo preparou um grande almoço de encerramento. A comida, farta e saborosa, foi servida como um ato de comunhão. A partilha do alimento, naquele momento, era a materialização da ancestralidade: comer junto, dividir o que se tem e celebrar. Bolo, parabéns, abraços e risos marcaram o fechamento do ano e a renovação dos ciclos.

Aquele almoço selava a certeza de que a missão foi cumprida, mas que o trabalho continua. O projeto provou que o incentivo à leitura não se faz apenas em bibliotecas silenciosas, mas na rua, na troca, no afeto. Enquanto houver um Griô contando histórias, enquanto houver gente disposta a ouvir, ler e se apropriar da sua própria narrativa, a história do Rio de Janeiro continuará sendo reescrita, agora pelas mãos de quem a construiu.

O livro do projeto se fecha aqui, mas a leitura do mundo, como ensinou Paulo Freire e como praticou Célio Griô, essa não termina nunca. O Círculo permanece aberto, girando, vivo e laranja, como a cor de quem não se esconde e veio para transformar.

Agradecimentos

Nenhuma história se escreve sozinha, e um livro que nasce da itinerância é, por essência, uma construção coletiva. *Círculo de Leitura: Itinerância de Leituras e Saberes* é o resultado de muitas mãos, muitas vozes e, sobretudo, de muitos passos dados em direção ao outro.

Expressamos nosso profundo agradecimento ao Governo Federal, ao Ministério da Cultura, à Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro e à Secretaria Municipal de Cultura pelo reconhecimento institucional. O fomento concedido por meio do edital *Rio Capital Mundial do Livro – Edição Cultura Viva* foi essencial para este projeto. Este livro materializa a certeza de que políticas públicas são vitais para democratizar o acesso à cultura, garantir direitos e colocar as narrativas periféricas no centro do debate.

Agradecemos imensamente aos parceiros que abriram seus portões e seus corações para nos receber e somar forças. À Aldeia Marakanã, por abrir os caminhos desta jornada; às Escolas Municipal e Estadual República do Peru, por abrirem as portas para a leitura; ao Centro Municipal de Saúde Renato Rocco, por entender que cultura também é saúde; ao Templo de Umbanda Caminheiros da Luz, pela acolhida e pelo axé; à Nave do Conhecimento do Engenhão, por conectar tecnologia e afeto; ao CRAS Sobral Pinto e à Casa Taiguara, pela parceria fundamental que trouxe as crianças para o nosso círculo; e aos guardiões da Pequena África, que mantêm viva a memória de quem

somos. Sem a generosidade de cada um desses territórios e instituições, esta itinerância não teria sido possível.

Um agradecimento especial a cada escritor, especialista e liderança que aceitou o convite para dividir a palavra e a roda com a gente. Ao *Cacique Urutau Guajajara*, *Rachel Lima*, *Priscila Barros*, *Mãe Kelly de Ogum*, *Melissa Xakriabá*, *Haroldo César*, *Valdeci de Boaretto*, *Flávio Braga* e *Rosana Fonseca*. Suas vozes, somadas à de Célio, teceram a colcha de saberes que agora entregamos ao mundo.

A cada estudante, morador, voluntário e participante que se sentou em nossas rodas, pegou o microfone, leu um trecho, compartilhou um pensamento ou simplesmente escutou: este livro é de vocês. Vocês são a tinta que escreve a história do Círculo Laranja todos os dias.

Por fim, nosso agradecimento mais profundo a *Célio Griô*. A você, Célio, obrigado por ter aceitado a missão de ser nosso guia, nosso mestre e nossa memória viva. Sua jornada como Griô é a afirmação de que a sabedoria caminha ao nosso lado. Você nos ensinou que território é corpo, é alma e é luta.



Referências e Leituras

Para continuar a caminhada iniciada nestes círculos, sugerimos o mergulho nas obras e saberes que nos guiaram:

BARRETO, Lima. Clara dos Anjos. Rio de Janeiro: Mérito, 1948.

BARRETO, Lima. Melhores crônicas. Seleção e prefácio de Beatriz Resende. São Paulo: Global, 2003.

BOARETTO, Valdeci de. Comportamento que te salva: inteligência emocional, resiliência e empatia na vida prática. Rio de Janeiro: Edição do Autor, 2023.

BRAGA, Flávio. Lá de onde venho: Sobre pipas, correrias e o carro das delícias. Rio de Janeiro: Caminhos Editora, 2022.

CÉSAR, Haroldo. Limpeza urbana, limpeza humana. Rio de Janeiro: Edição do Autor, 2018.

CÉSAR, Haroldo. Vida de Gari: crônicas. Rio de Janeiro: Edição do Autor, 2015.

CRUZ, Eliana Alves. O Crime do Cais do Valongo. Rio de Janeiro: Malê, 2018.

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler: em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 1982.

JESUS, Carolina Maria de. Quarto de despejo: diário de uma favelada. São Paulo: Ática, 2014.

KRENAK, Ailton. Futuro Ancestral. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

KRENAK, Ailton. Ideias para adiar o fim do mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LISPECTOR, Clarice. A hora da estrela. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LOPES, Nei; MOREAU, Hélène. Kofi e o menino de fogo. Rio de Janeiro: Pallas, 2020.

MARTINS, Adilson. Lendas de Exu. Rio de Janeiro: Pallas, 2011.

MATOSO, Rafael; LIMA, Raquel Gomes (Org.). Um Grande Méier de Histórias: Nossos caminhos e lembranças dos subúrbios cariocas. Rio de Janeiro: Engenheiros de Histórias, 2023.

NASCIMENTO, Abdias. O Quilombismo: documentos de uma militância pan-africanista. 3. ed. São Paulo: Editora Perspectiva; Rio de Janeiro: Ipeafro, 2019.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. Pode o subalterno falar?. Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa e André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

XAKRIABÁ, Melissa Coelho. Curumins Arteiros. 1. ed. Curitiba: Editora Appris (Selo Artêrinha), 2024.

1ª edição

FEVEREIRO DE 2026

impressão

2&3D ARTES GRÁFICAS

papel de miolo

POLÉN SOFT 80G/M²

papel de capa

CARTÃO SUPREMO ÍMUNE 250G/M²

tipografia

EB GARAMOND

Sobre o Círculo Laranja

Nascido do asfalto quente das manifestações de 2014, onde os garis da cidade do Rio de Janeiro ergueram suas vassouras em uma luta histórica por direitos, o Círculo Laranja converteu a potência dessa mobilização em um movimento permanente de transformação social.

Há mais de uma década atuando no Grande Méier, a organização afirma-se como uma referência na promoção da cidadania. Enraizado na organização popular e na força da classe trabalhadora, o Círculo atua de forma contínua e integrada nas áreas de assistência social, educação, cultura, saúde e sustentabilidade.

Com mais de 45 mil pessoas impactadas, a instituição conecta território e políticas públicas, provando que a luta que começou nas ruas continua viva, abrindo caminhos para reescrever a história da cidade.

Saiba mais e acompanhe a nossa trajetória:



www.circulolaranja.org.br



@circulolaranja

Obra de culminância do projeto Círculo de Leitura, realizado pelo Círculo Laranja, este livro integra a programação oficial do Rio Capital Mundial do Livro. Ao longo de 2025, a literatura saiu das estantes para ocupar as ruas, transformando o território em grandes rodas de leitura.

Aqui estão registrados oito encontros onde a palavra escrita dialogou com a vivência. Autores, pensadores e a comunidade se reuniram em torno de Célio Griô para debater obras que refletem a identidade carioca, celebrando as contribuições indígenas, quilombolas e suburbanas na formação do nosso patrimônio imaterial.

Mais do que um registro documental, **Círculo de Leitura: Itinerância de Leituras e Saberes** é um mapa afetivo de uma cidade que insiste em resistir. É um testemunho de que a literatura é, sobretudo, uma ferramenta de transformação social, capaz de tecer pontes entre a ancestralidade e o futuro que desejamos construir.

ISBN 9786598909215



9 786598 909215 >

PNAS

CULTURA
VIVA

UNESCO

RIO
MUNDO

RIO

RIO
MUNDO

RIO

MINISTÉRIO DA
CULTURA

BRASIL